



**PEDAGOGIA**

**ERICA CASTRO**

**EXPERIÊNCIAS DA ARTE, EXPERIÊNCIAS DA VIDA: UM ESTUDO SOBRE A  
FORMAÇÃO DOS DOCENTES/DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UCP**

Pitanga - Paraná  
2019

ERICA CASTRO

**EXPERIÊNCIAS DA ARTE, EXPERIÊNCIAS DA VIDA: UM ESTUDO SOBRE A  
FORMAÇÃO DOS DOCENTES/DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UCP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Pedagogia, Área das Ciências Humanas  
da Faculdade de Ensino Superior do Centro do  
Paraná-UCP, como requisito à obtenção de grau de  
Licenciatura em Pedagogia.

Professora Orientadora: Ms. Helena de Oliveira  
Andrade

Pitanga  
2019

Catálogo elaborado pela Bibliotecária Michele Carolina da Silva Martins CRB 9/1838 da Biblioteca  
Profa. Dirce Doroti Mèrlin Clève da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

M321n (numeração concedida pela Bibliotecária)

IORI JUNIOR, Moacir

Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná / Moacir Iori Junior. – Pitanga, 2016.

107 f.

Orientador: Nome por extenso do orientador do TCC

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel ou Licenciatura em Nome do Curso) – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP, 2016.

1. ABNT. 2. Normas de Trabalho Acadêmico. 3. Trabalho de Conclusão de Curso. I. Martins, Michele Carolina da Silva. II. Sobrenome, Nome (orientador do TCC). III. Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, UCP. IV. Título.

CDD 001.42

## TERMO DE APROVAÇÃO

**Erica Castro**

**“EXPERIÊNCIAS DA ARTE, EXPERIÊNCIAS DA VIDA: UM ESTUDO SOBRE A  
FORMAÇÃO DOS DOCENTES/DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA  
UCP”**

Trabalho de Curso aprovado com nota (número extenso) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientadora (Presidente): **Prof.<sup>a</sup> M.a. Helena de Oliveira Andrade**  
Curso de Pedagogia, Faculdade UCP

Membro: **Prof.<sup>a</sup> Esp. Graziele Potoski**  
Curso de Pedagogia, Faculdade UCP

Membro: **Prof. Esp. Elma Kolavim de Souza**  
Curso de Pedagogia, Faculdade UCP

Pitanga, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Dedico este trabalho à minha família e  
a todos que acreditam na Arte.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por me conceder perseverança na construção desse trabalho que significa muito para mim. Gratidão à minha mãe Veronica, pessoa fundamental na consolidação dessa pesquisa, agradeço pelo incentivo, pelo apoio e pelas horas que se dedicou a me ajudar; sempre com um sorriso no rosto despertou em mim animo para continuar, desde pequena até o final dessa fase em minha vida.

Agradeço também ao meu namorado e amigo Damião por sempre estar ao meu lado, contribuindo na realização desse trabalho, ouvindo-me, aconselhando-me e animando-me. Obrigada por ouvir sobre minha pesquisa e permitir que a arte, mesmo que de maneira singela, também fizesse parte da sua vida durante esse tempo.

À minha orientadora Helena, agradeço imesamente e não só pela orientação deste trabalho, mas também pela sua amizade, momentos compartilhados, experiências vividas, conversas, histórias contadas e debates sobre a esperança na arte-educação. Seus ensinamentos foram de fato muito importante para a construção da minha concepção em arte, na quebra de paradigmas e na alegria do estudo e da pesquisa.

Gostaria de agradecer também a toda minha família, que de uma forma ou de outra foram importantes para a conclusão dessa pesquisa, ouvindo meus anseios e auxiliando-me no que fosse necessário. Além de tudo, me dando muito carinho e atenção desde sempre.

Às minhas companheiras de estágio também expresse meu agradecimento pela paciência, confiança e momentos compartilhados; obrigada também a professora Angelica que sempre acreditou em mim e incentivando-me a seguir na Pedagogia. Gratidão também as professoras da banca, Grazi e Elma, pessoas tão especiais durante esse tempo de graduação, que muito contribuíram com a minha formação.

“Cultura é tudo aquilo de que a gente se lembra após ter esquecido do que leu. Revela-se no modo de falar, de sentar-se, de comer, de ler um texto, de olhar o mundo. É uma atitude que se aperfeiçoa no contato com a arte. Cultura não é aquilo que entra pelos olhos, é o que modifica seu olhar”. (José Paulo Paes)

CASTRO, Erica. ANDRADE, Helena de Oliveira. **Experiências da arte, experiências da vida**: um estudo sobre a formação dos docentes/discentes do curso de Pedagogia da UCP. 2019. 87. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Pedagogia – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, Pitanga, 2019.

## RESUMO

A arte sempre esteve presente na história da humanidade, na vida dos indivíduos e na sociedade de maneira geral, refere-se à forma de contato do homem com o mundo, com emoções e sentimentos, estabelecendo relação com os processos criativos e culturais. A arte é vida, ela é movida pela vivacidade do contexto em que foi criada, idealizada, ou, contemplada e é também experiência, na medida em que as vivências artísticas aproximam o ser humano da sensibilização, do “ser mais”, do humanizar-se. Com isso, a presente pesquisa preocupa-se em responder a problemática da arte-educação na formação de professores, considerando as experiências estéticas, culturais e artísticas em contexto universitário e seus reflexos nos acadêmicos do curso de Pedagogia da Faculdade UCP, no momento em que busca compreender como a arte, ao verificar a sua presença/ausência, é trabalhada nessa graduação. No referido trabalho, foram utilizadas, portanto, as pesquisas bibliográficas e de campo com o intuito de averiguar o cenário da formação artística dos discentes e dos docentes do curso por meio da aplicação de questionários semiestruturados e aplicados via plataforma *Google Forms* aos dois grupos, tendo como objetivo analisar o papel do professor universitário na construção dos conhecimentos artísticos e na promoção de experiências estéticas dentro do ambiente acadêmico; bem como no reflexo de suas práticas, ou de possíveis caminhos para a formação em arte e na construção uma educação mais humanizadora. Para compor o estudo, também, foram utilizados arte-educadores brasileiros como Barbosa (1989, 2012), Duarte Jr. (1980, 1991) e Ferraz e Fusari (1993, 2009), sendo apresentado o conceito de arte na perspectiva histórica, social e cultural; contando também com descrições sobre a Arte em contexto escolar; além de discutir os reflexos de uma formação artística e estética para o exercício da prática docente, tendo em vista o papel da arte no processo de humanização do ser, em consonância com as ideias de Amorim e Castanho (2007, 2008).

**Palavras-chave:** Arte-Educação. Formação de professores. Educação Estética. Cultura. Humanização.



CASTRO, Erica. ANDRADE, Helena de Oliveira. **Art experiences, life experiences: a study on the training of teachers/ students of the Pedagogy course at UCP.** Ano de Realização. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Parana, Pitanga, 2019.

## ABSTRACT

Art has always been present in human history, the lives of individuals and society in general, it refers to the human way of contact with the world, with emotions and feelings, establishing relationship with the creative and cultural processes. Art is life, it is moved by the liveliness of the context in which it was created, idealized, or contemplated and it is also experience, as artistic experiences bring the human being closer to sensitization, to “being more”, to humanizing oneself. Thus, this research is concerned with answering the problem of art education in teacher training, considering the aesthetic, cultural and artistic experiences in a university context and their reflexes in the academics of the Pedagogy course at UCP College, at the moment it seeks to understand how art, by verifying its presence/ absence, is worked in this graduation. In that paper, therefore, the bibliographic and field researches were used in order to investigate the scenario of the artistic formation of the students and teachers of the course through the application of semi-structured questionnaires and applied via Google Forms platform to both groups, aiming to analyze the role of the university professor in the construction of artistic knowledge and the promotion of aesthetic experiences within the academic environment; as well as in the reflection of their practices, or of possible ways for the formation in art and in the construction a more humanizing education. To compose the study also were used Brazilian art educators as Barbosa (1989, 2012), Duarte Jr. (1980, 1991) and Ferraz and Fusari (1993, 2009), being presented the concept of art in the historical, social and cultural perspective; also featuring descriptions of Art in the school context; besides discussing the reflexes of an artistic and aesthetic formation for the exercise of the teaching practice, considering the role of art in the humanization process of being, in line with the ideas of Amorim and Castanho (2007, 2008).

**Keywords:** Art Education. Teacher training. Aesthetic education. Culture. Humanization.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Período em que se encontra no curso de Pedagogia.....	50
Gráfico 2 – Incentivo dos professores para o contato artístico.....	54
Gráfico 3 – Quantas vezes os acadêmicos assistiram peças teatrais.....	55
Gráfico 4 – Quantas vezes os acadêmicos já foram ao cinema.....	56
Gráfico 5 – Estilo musical de preferência dos acadêmicos.....	57
Gráfico 6 – Manifestações artísticas preferidas dos acadêmicos.....	59
Gráfico 7 – Valorização da arte na região.....	60
Gráfico 8 – Meios artísticos e culturais que faltam na região, de acordo com os acadêmicos.....	61

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Termos descritos na concepção de arte dos acadêmicos.....	64
Quadro 2 – Termos descritos na concepção de arte dos docentes .....	71

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1 PROBLEMA .....	15
1.2 JUSTIFICATIVA.....	15
1.3 OBJETIVOS.....	16
<b>1.3.1 Objetivo Geral</b> .....	16
<b>1.3.2 Objetivos Específicos</b> .....	16
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>17</b>
2.1 FAZER, VIVER E SENTIR ARTE .....	17
2.2 UM DIÁLOGO ENTRE ARTE E ESCOLA .....	28
2.3 A EXPÊRIENCIA ARTÍSTICA: FORM(AÇÃO) ESTÉTICA DOCENTE.....	35
<b>2.3.1 ARTE E O PROFESSOR “HUMANIZADOR”</b> .....	40
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>46</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	46
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	46
<b>3.2.1 População</b> .....	46
<b>3.2.2 Amostra</b> .....	46
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS .....	46
<b>3.3.1 Instrumentos</b> .....	47
<b>3.3.2 Procedimentos</b> .....	47
3.4 ANÁLISE DE DADOS .....	47
<b>4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>49</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>77</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ACADÊMICOS PEDAGOGIA</b> .....	<b>80</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOCENTES PEDAGOGIA</b> .....	<b>83</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa apresenta a Arte enquanto experiência, constatando se de fato ela é vivida e sentida pelos acadêmicos do curso de Pedagogia da Faculdade UCP, trata-se de um estudo em torno da formação docente em uma perspectiva estética e sensível. Discussões foram levantadas em torno do papel que a Arte desempenha na formação de professores e os reflexos que ela causa na prática pedagógica.

Considera-se no desenvolvimento desse trabalho, o importante papel dos docentes do curso de Pedagogia da UCP na formação de futuros professores, pois, eles despertam nos acadêmicos diversas inspirações, opiniões, interesses e também juntos constroem o conhecimento. Em contrapartida, os discentes enquanto professores levarão, também, muito do que foi aprendido e vivenciado em sala de aula da faculdade para seu espaço de atuação.

Nessa perspectiva, os professores universitários possuem um propósito significativo para a educação, pois são eles que formam os educadores. Diante disso, no que se refere a dimensão estética e artística da educação, as experiências ou a falta delas, dentro da formação em Pedagogia refletem consideravelmente aos acadêmicos tanto no aspecto profissional quanto pessoal de cada um.

Desse modo, mesmo que os discentes não percebam tais influências, elas se dão de forma acentuada, pois ao realizar os estágios, planejar aulas, discutir assuntos educacionais e no momento de exercer de fato a profissão de professores/pedagogos o que foi mediado pelos docentes contará muito. O mesmo acontece ao desfrutar (ou não) de situações que envolvam a arte, a formação estética não surgirá do nada, ela precisa ser despertada, incentivada e, acima de tudo, vivenciada no ambiente universitário.

Tendo em vista a construção dos conhecimentos em arte, os teóricos estudados explanam sobre a importância da inserção de situações reais de aprendizagem artística. Essas práticas são evidenciadas em contexto educacional brasileiro especialmente por Barbosa (2012), a quem defende a Abordagem Triangular cujo pressuposto que o ensino de arte se faz necessário a partir de três aspectos indissociáveis: leitura da obra de arte, fazer artístico e a contextualização. Essa proposta vem de encontro com as reflexões tecidas durante essa pesquisa, pois o entendimento da arte passa pela experiência artística e cultural, conforme ressalta a autora.

Dessa forma, além de proposições teóricas, apresentam-se também experiências vividas na graduação, relatadas pelos estudantes do curso e pelos docentes, por meio de questionários. Isso porque, falar de arte sem trazer vivências tornaria esse trabalho vago, pois ousar dizer que a arte é movida pela vida.

Partindo desse pressuposto, aliamos o trabalho as palavras de Rubem Alves (2004, s/p) que certa vez escreveu: “poesia, música, pintura, escultura, dança, teatro, culinária: são brincadeiras que inventamos para que o corpo encontre a felicidade [...]”. As palavras desse educador exprimem o ideal dessa pesquisa: recuperar os sentidos através da arte, trazer à tona emoções (sejam elas tristes ou felizes) e despertar para a sensível.

As “brincadeiras” que o educador faz referência são experiências da arte e cultura, refere-se a aspectos artísticos da nossa vida, da vida de artistas, de educadores e daqueles que reservam na sua vida um espaço para a arte. Por isso os questionários foram inseridos na pesquisa, considerando que essas experiências podem e devem ser fomentadas na universidade, sobretudo dentro curso de Licenciatura em Pedagogia.

Assim sendo, apontamos uma questão que norteia todo trabalho na área escolhida: “O que é arte?” Nesse sentido abordaram-se, no decorrer do trabalho, as definições de arte e de arte-educação, dialogando com teóricos, momentos históricos, diferentes culturas e seus variados aspectos sociais. Almejando, dessa forma, contextualizar a arte dentro da realidade da nossa vida, do Brasil e pôr fim do ambiente acadêmico em questão.

Nesse sentido, não podemos falar em arte e estética como conceitos soltos, afim de encaixotá-los e discorrer tecnicamente sobre eles. É necessário então pensar como um todo, levando em conta a cultura do indivíduo, a forma como ele interage com a sociedade e a sua relação com a arte e a educação. Os professores e os discentes integram espaços sociais diferentes, apresentam concepções divergentes e vivem situações diversas, nesse sentido a forma como cada pessoa, que compõe o cenário acadêmico do curso de Pedagogia, compreende a arte também a difere.

Partindo desse pressuposto, ressaltou-se o reflexo das experiências culturais no ensino e formação docente e, por isso, questionou-se nessa pesquisa: quantos dos acadêmicos já foram ao cinema? Assistiram a uma peça de teatro? Quais as literaturas têm lido? Já visitaram um museu? E as músicas, quais ouvem? Tendo em vista que a graduação é um laboratório de ideias, conhecimento, criação,

aprendizagens e desaprendizagens, reflexões em torno da formação inicial docente e a relação dos acadêmicos de Pedagogia com a arte-educação, são aqui apresentadas.

Diante disso, a presente pesquisa não busca trazer uma nova maneira de se formar professores ou apontar soluções concretas para os desafios da formação estética docente, nem apresentar um novo conceito para a arte-educação ou educação estética, mas trazer reflexões em torno da formação do sensível e do “professor humanizador” no ambiente de formação docente.

Dessa forma, busca-se como e o porquê sentir e viver a arte são imprescindíveis a formação de professores. Logo, são essas questões que permeiam o imaginário dessa acadêmica que aqui escreve, baseando-se em teorias já elaboradas e relatos do cenário acadêmico em questão.

## 1.1 PROBLEMA

Tendo em vista o atual contexto educacional, pautado em uma educação técnica voltada para o mercado de trabalho, a Arte vem perdendo espaço e torna-se desvalorizada enquanto ação pedagógica. Isso ocorre, sobretudo, porque a arte foge de padrões, trazendo consigo conceitos que vão além do lógico e determinado.

Diante disso, o que se observa hoje nas instituições escolares é uma arte-educação apresentada apenas como conteúdo, as crianças e jovens não têm a oportunidade de observar uma obra de arte ou escultura para além de uma análise técnica e histórica; sentir uma música, vivenciar um espetáculo de dança ou teatro. É nesse sentido que esse estudo busca investigar as possíveis causas dessa desvalorização e do déficit de educação estética nos alunos, evidenciando uma das principais razões: a sua ausência na formação de professores.

Nesse contexto, a presente pesquisa busca abordar a existência/ausência de formação do professor pedagogo para a educação estética, levando em conta, também, a arte e produções artísticas dentro do ambiente universitário como um meio para alcançar a formação do sensível, da humanização e do desenvolvimento do potencial criativo do discente. Para que, assim, possamos compreender se as experiências artísticas, culturais e estéticas do professor, bem como o incentivo ao contato com a Arte refletem na formação dos acadêmicos do curso de Pedagogia da Faculdade UCP.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa justifica-se devido à compreensão que se tem atualmente da Arte dentro da sociedade, da educação e na subjetividade de cada indivíduo, essa visão está firmada em muitos casos em colocações como: “não gosto de arte”, “não sei desenhar” e “não entendo arte”. Isso reflete de fato na educação, pois nosso sistema educacional é conteudista e visa uma formação técnica e não estética, nem tão pouco sensível.

A arte torna-se “humanizadora” quando acontece o contato com ela, despertando sentimentos e emoções diferentes em cada um, sejam elas positivas ou negativas. Contudo, dentro da sociedade a arte é desvalorizada, revelando o motivo



do pouco contato e acesso artístico por diversos indivíduos, por isso não há humanização e nem sensibilização.

Outro fator de destaque ao estudo está na formação pessoal e profissional dos docentes, pois muitos (com tempo de prática ou em formação) nunca foram ao cinema, ao museu, à ópera ou observaram de fato uma obra de arte. A inquietação que essa pesquisa causa, refere-se ao fato de que o docente só pode oportunizar ao seu aluno o que já recebeu ou desenvolveu; então como falar de Arte se nunca viveu a Arte? É nesse contexto que se justifica a importância da pesquisa.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Compreender o papel do professor “humanizador” na formação das experiências estéticas/culturais, no que tange o desenvolvimento dos discentes do curso de Pedagogia da Faculdade UCP.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Apresentar a arte como estimuladora de experiências estéticas, desenvolvendo os sentidos do sensível e a humanização;
- b) Investigar de que maneira a educação estética contribui para a formação dos futuros docentes;
- c) Discutir sobre os benefícios da educação estética para o exercício da prática docente;
- d) Verificar a forma como a arte é apresentada aos acadêmicos de Pedagogia dentro do ambiente universitário;
- e) Averiguar as causas da desvalorização artística na educação e na sociedade, pensando o contexto regional do Município de Pitanga;

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 FAZER, VIVER E SENTIR ARTE

As questões que permeiam a Arte são inúmeras, muitos estudiosos, apreciadores e também leigos na área, buscam conceituar o que é arte, entender o processo criativo e compreender as diversas manifestações artísticas. A arte é sobretudo criar, impressionar, expressar, instigar. Ao buscarmos definições para a arte nos deparamos com respostas diversas e até divergentes entre si, imaginemos então o que alguns artistas e estudiosos que pensam sobre a arte, responderiam ao ser questionados: “ o que é arte? ”

O teórico Jorge Coli assim defende: “tantas e tão diferentes são as concepções sobre a natureza da arte. ”<sup>1</sup>

Para Arthur Schopenhauer “a arte é uma flor nascida no caminho da nossa vida, e que se desenvolve para suavizá-la”<sup>2</sup>

Já para Fernando Pessoa “A arte é um esquivar-se a agir, ou a viver. A arte é a expressão intelectual da emoção, distinta da vida, que é a expressão volitiva da emoção. ”<sup>3</sup>

Certa vez disse o pintor Pablo Picasso: “A arte é a mentira que nos permite conhecer a verdade. ”<sup>4</sup>

O artista Paul Klee assim revela: “a arte não reproduz o visível, torna visível”<sup>5</sup>

A educadora Camille Paglia aponta que “A arte é o casamento do ideal e do real. ”<sup>6</sup>

Já o educador Edgar Morin ao se referir sobre a arte afirma que “as grandes obras de arte, como a música de Beethoven, desenvolvem em nós um sentimento

<sup>1</sup> COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., p. 3. Editora Brasiliense, São Paulo, 1995.

<sup>2</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **Escritas.org**. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/27167/a-arte-e-uma-flor>>. Acesso em: 15 maio 2019.

<sup>3</sup> SOARES, Bernardo. **Arquivo Pessoa**. 2015. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/290>>. Acesso em: 26 maio 2019.

<sup>4</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. **Cerrado desterro**: Memórias. Brasília: Thesaurus, 2008, p. 306. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=RDinZWxFrcgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=RDinZWxFrcgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 23 maio 2019

<sup>5</sup> KLEE, Paul. **Teoría del arte moderno**. Buenos Aires: Cactus, 2007, p. 35. Tradução nossa.

<sup>6</sup> PAGLIA, Camille. O impacto do ensino da arte (ou da falta dele) na percepção do mundo. **Fronteiras do Pensamento**, S/l, 01 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/artigos/o-impacto-do-ensino-da-arte-ou-da-falta-dele-na-percepcao-do-mundo>>. Acesso em: 18 maio 2019

vital, que é a emoção estética, que nos possibilita reconhecer a beleza, a bondade e a harmonia ”<sup>7</sup>

Duarte Junior afirma que: “a arte nos ajuda a significar o mundo e a existência, iluminando e desvelando aspectos não plenamente acessíveis ao conhecimento inteligível”. E para você, “o que é arte? ”.

Por meio dessas frases, máximas e definições de intelectuais que dedicaram seu tempo a pensar e sentir a arte, aproximamo-nos dos conceitos de arte, mas não chegamos a uma resposta concluída, tendo em vista que a cultura a acompanha, portanto, ela se adapta, modifica-se, transforma-se. Algo sempre ficará por trás de cada definição do que é arte, isso faz parte do mistério que a arte propõe, não dar respostas, mas sim deixar sempre uma “porta” aberta para a reflexão. Isto é, como já diria Lulu Santos “eu gosto tanto de você, que até prefiro esconder, deixo assim ficar subentendido”<sup>8</sup>.

Ao tratarmos o conceito de arte como algo “subentendido”, pensamos em algo oculto, encoberto, ou seja, o que há por de trás das linhas, cores, formas, gestos e melodias. Toda produção artística tem uma intencionalidade, elementos que compõe uma obra, um espetáculo, uma música e vão aos poucos construindo o imaginário e o retrato da sociedade em que foram produzidos, no entanto, nem sempre é necessário desvendar o “oculto” da arte e, sim, vivenciá-la.

Contudo, a Arte não surgiu do nada, sempre esteve presente na vida da humanidade e permanece até hoje. Os registros mais antigos da expressão artística humana na pré-história são as chamadas pinturas rupestres, caracterizando-se como as primeiras inscrições dos seres humanos. Nessas pinturas, os primeiros homens retratavam, sobretudo, diversos animais, ou seja, suas caçadas realizadas e também almejando as futuras, (GARCEZ; OLIVEIRA, 2006, p. 116).

Percebemos dessa forma que essas pinturas eram carregadas de simbolismo e significados para quem as pintava, retratavam principalmente a forma de viver daquela época, relacionando ao social, costumes, crenças e vivências. Observa-se

---

<sup>7</sup> RANGEL, Andrea. ‘A educação não pode ignorar a curiosidade das crianças’, diz Edgar Morin. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 01-02. 17 ago. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/educacao-360/a-educacao-nao-pode-ignorar-curiosidade-das-criancas-diz-edgar-morin-13631748>>. Acesso em: 15 maio 2019.

<sup>8</sup> SANTOS, Lulu. **Apenas Mais Uma de Amor**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/lulu-santos/35064/>>. Acesso em: 18 maio 2019.

então que antes mesmo de existir telas, pincéis e tintas, o cotidiano da vida humana já era apresentando, tendo como “tela” as paredes das cavernas.

Com isso, ainda partindo da ideia de paredes pintadas trazemos, aqui o grafite enquanto manifestação artística, que ganhou forma primeiramente com os jovens dos EUA, ao utilizar spray para escrever nas paredes frases de protesto, com o objetivo de transformar a realidade social. Algum tempo depois, no Brasil, esses artistas passaram a se chamar grafiteiros. Os desenhos e escritos feitos nos muros servem para manifestar questões sociais, indignações, levando para as ruas reflexão, cores e arte, (PARANÁ, 2006, p. 52).

Os desenhos, frases e obras de inquietações sociais nas mãos dos grafiteiros resultam em combinações de cores, traços, imagens e mensagens significativas para a realidade vivenciada pelo artista e também por cada grupo. Ao representar seu cotidiano nos muros das cidades<sup>9</sup>, há uma espécie “grito” artístico, objetivando que aquela arte provoque mais pessoas. Cada artista expressa em suas produções as compreensões que ele próprio tem do mundo, baseando-se em suas emoções, experiências e convicções. Mas, o que pode ocorrer são colocações apontando aquela arte como “sujeira”, nesse caso rotulando-a como pichação<sup>10</sup>.

Porém, nem sempre o sujeito que se depara com a arte, consegue captar a emoção, a expressão, os sentidos e a significação de tal obra artística, ou seja, relacionar-se com ela. Considerando nesse pressuposto duas manifestações artísticas contemporâneas: performance<sup>11</sup> artística e o teatro de rua<sup>12</sup>, acompanhemos esse relato de Costa (1999, p. 102)

Apresentações como as performances, que se realizam em locais não-usuais, exigem que o público seja despertado para a apresentação. Um aluno meu de Artes Cênicas fez uma performance num supermercado de São Paulo, cuja intenção era criticar o consumismo. Para tanto, começou a despejar os produtos de uma gôndola em seu carrinho, para teatralmente,

<sup>9</sup> O então prefeito de São Paulo, João Doria, removeu os grafites da Avenida 23 de Maio no centro da Capital. Os desenhos grafitados pelo artista Kobra traziam cor a avenida, infelizmente foram cobertos por tinta cinza, nessa perspectiva o grito artístico foi “abafado”, ou seja, apagado. UOL. Mural de Kobra na av. 23 de maio é completamente apagado pela prefeitura. **Uol Notícias**. São Paulo. 28 jan. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/28/mural-de-kobra-na-23-de-maio-e-completamente-apagado-pela-prefeitura-de-sp.htm>>. Acesso em: 18 maio 2019.

<sup>10</sup> Pintura que depreda, destrói. O pichador não é proprietário ou não tem autorização para realizar a pintura. (PARANÁ, 2006, p. 54)

<sup>11</sup> Forma artística contemporânea que usa do corpo, do som, artes visuais e do teatro para expressar, chocar e levar a reflexão. Mas o maior instrumento artístico é sobre tudo o corpo, caracterizando uma arte do sentir, com caráter experimental. (COSTA, 1999, p. 48)

<sup>12</sup> O teatro de rua – assim como as performances – é uma manifestação de arte contemporânea que rompe com os padrões tradicionais da apresentação artística. (COSTA, 1999, p. 48)

expressar o furor de comprar das pessoas. Os clientes do supermercado, entretanto, não tendo conseguido perceber o caráter teatral de sua atitude, começaram também a tirar o tal produto da gôndola e a colocá-lo em seus carrinhos, julgando que o preço fosse uma rara promoção. Esses clientes não se colocaram como público, não estabeleceram uma ruptura e não apreciaram artisticamente tal apresentação.

Através do relato da autora podemos perceber pontos importantes para compreender o que é Arte, o primeiro deles diz respeito à educação estética e artística dos referidos clientes. Em sua ação cotidiana não conseguiram perceber a manifestação artística informal que estava acontecendo ali, seguiram o fluxo de meros consumidores e nem ao menos param para pensar no que estava acontecendo. Justifica-se tal atitude diante da falta de sensibilidade e educação estética da população, configurando aqui o segundo ponto de destaque: a cultura.

A performance em questão despertava para um assunto atual e necessário de reflexão: o consumismo, pois vivemos atualmente uma cultura do consumo, diante do capitalismo cada vez mais ascendente. Com isso, o fato do artista tirar vários produtos da gôndola não impressionou os consumidores, pelo contrário, sentiram-se motivados a realizar a mesma atitude e comprar os produtos.

Especificamente essa forma de arte, em sua essência, já foge do convencional, na medida em que escolhe um espaço público para encenar, alcançando também o maior número de pessoas possíveis. Nesse viés, o contato com a arte transforma o indivíduo e conseqüentemente o meio em que ele está inserido, por isso, faz-se necessário ver a arte dentro da sociedade e não como uma ilha isolada da população, centrada apenas no artista, logo, a arte se faz com o público.

Portanto, há componentes que se articulam no processo artístico, são eles: os autores/artistas, os produtos artísticos/obra de arte, a comunicação/divulgação e o público/ouvinte/espectadores. Os artistas conceituam-se como sendo os criadores que a partir de um determinado contexto criam as suas produções e como resultado dessa criação sensível e artística resultam as obras de arte; a comunicação é a forma que a arte vai chegar a determinado grupo, ser “lançada” na sociedade, onde diferentes pessoas terão acesso, (FERRAZ; FUSARI, 2009).

Por isso, consideramos a arte dentro do meio em que é feita, vivida e sentida, ela só é arte por causa das pessoas, no sentido da vivacidade artística. Os componentes artísticos: artista, obra, comunicação e público, moldam-se de acordo com o momento histórico e circunstância social/cultural de cada indivíduo, é levada

em conta também a sensibilidade de cada artista e espectador, bem como suas vivências e conhecimentos em torno da arte.

Nesse contexto, no momento em que a arte chega a determinado grupo de pessoas, essas terão percepções distintas em torno do que pode ser considerada arte. A partir dessa indagação, Medeiros (2005, p. 35) em seus escritos descreve uma experiência na qual não sentiu prazer ao observar determinadas obras de arte de Van Gogh, esse relato pode ser considerado uma afronta a admiradores do respectivo pintor e aqueles que se sensibilizam ao observar os Girassóis e os autorretratos. No entanto, a autora defende,

[...] será arte aquilo que nós (eu, tu, ele, nós, vós, eles) designarmos como tal. Diremos então: é arte aquilo que o artista designar, mas também e somente aquilo que o público abraçar. É arte, para alguém, aquilo que esse alguém designar como tal.

Com isso, o que pode ser considerado arte para mim, outra pessoa não considerará como tal, porém em nenhum momento ela deixa de ser arte; o mesmo acontece com as percepções que ocorrem ao observar uma obra de arte; pois, o processo artístico é articulado e o público que recebe, observa, vivencia e se depara com determinada criação artística, seja ela uma música, dança, teatro ou tela, apresentará uma visão distinta, oposta e até controversa aquela manifestação em questão.

Nesse sentido, recorreremos mais uma vez a performance, mencionada anteriormente, a pessoa pode estar ali observando tal apresentação, porém sua atenção está centrada na vestimenta dos artistas, em quem está compondo o público ou não conseguiu adentrar a proposta. Possivelmente, a atitude dessa pessoa resultará, no final na performance, em afirmações como: “não entendi nada”, porém, isso é mais comum do que imaginamos porque essa pessoa não vivenciou a arte, apenas passou por ela, (COSTA, 1999).

Desse modo, vivenciar a arte está diretamente relacionado à fruição<sup>13</sup>, a forma como o espectador se relaciona com a obra artística. Nesse sentido, Costa afirma que

---

<sup>13</sup> De acordo com dicionário Aurélio, fruição refere-se a fruir, desfrutar de algo. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004. Ao conceituar fruição artística em cenário educacional de acordo com a BNCC (2017, p. 193) “refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais”, BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

(1990, p. 46) “É por isso que dissemos que é no público que a obra se arte finalmente se realiza”. Portanto, para haver fruição é necessária à atenção, concentração e a busca do espectador a relacionar-se com criação do artista, permitindo-se sentir e vivenciar.

Diante disso, para entender a arte e a relação com o público, tomemos como exemplo a arte dos povos indígenas, sendo caracterizada por seus detalhes, cores, formas e significados. Ela é composta pela cerâmica, arte plumaria, máscaras, músicas, danças e a pintura corporal. O que é produzido pelo índio é feito com muito sentido porque relevam traços da tradição e costumes de cada tribo; a arte, nesse caso, tem a função de significação das vivências desses povos; constituem assim a vida deles e não uma obra para mera apreciação, (PROENÇA, 2005)

Nesse contexto, as pinturas corporais são uma forma importante de significação indígena e ao mesmo tempo manifestação artística, de acordo com Ferraz e Fusari (2009, p. 30) “a pintura corporal dos povos indígenas é uma tradição que os identificam e se mantêm nos materiais, linguagem e formas que os distinguem entre si”. Para ilustrar essa diferença que a arte emprega em diferentes tempos, culturas e espaços, consideremos que na atualidade as pinturas corporais apresentam um sentido diferente, a chamada *body art* ou, traduzida: arte do corpo<sup>14</sup>.

Assim sendo, as obras artísticas, em suas diversas formas de manifestações, possibilitam o diálogo com visões artísticas que não as nossas, Medeiros (2005, p. 117) nos revela que “cada indivíduo tem uma sensibilidade pessoal e nos proporcionará inúmeras degustações inéditas. Cada olhar é único e pode provocar uma infinidade de sentimentos [...]”. Portanto, o pequeno diálogo estabelecido anteriormente, parte da ideia que a arte se faz dentro de aspectos culturais, sociais, históricos e também de sentimento, ou seja, não se dá de forma isolada.

Nesse pressuposto de ressignificação da arte dentro de aspectos coletivos, individuais e culturais, arte é aproximação com o mundo, aquele mundo tão particular e ao mesmo tempo tão comum a todos. Por isso,

A arte se opõe ao mergulho no individualismo egoísta. Trabalha o incrível paradoxo de, tendo suas raízes na subjetividade e na interioridade, só se

---

<sup>14</sup> Designa uma vertente da arte contemporânea que toma o corpo como meio de expressão e/ou matéria para a realização dos trabalhos [...]. Não se trata de produzir novas representações sobre o corpo - encontráveis no decorrer de toda a história da arte -, mas de tomar o corpo do artista como suporte para realizar intervenções, de modo geral, associadas à violência, à dor e ao esforço físico. BODY Art. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3177/body-art>>. Acesso em: 30 de Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

realizar em comunicação com o outro e com o mundo. Exige eco e comunicação, exige diálogo e controvérsia. Assim, mantém livres nossos canais de comunicação com o outro, ao mesmo tempo em que aprimora a consciência que temos de nós mesmos. É fonte inesgotável de interpretação e sentido. (COSTA, 1999, p. 109)

Sendo assim, a arte é um meio de sentir, através dos sentidos de outra pessoa, outra cultura, outra visão de mundo, outras ideias, outros sonhos, crenças e valores que não os nossos. Quantos de nós ao ouvir uma música, ler um livro ou assistir a um filme não pensamos “isso foi feito para mim”, esse é um dos diálogos da arte que acontece quando se tem o contato com ela e, por vezes, nem percebemos ou nos damos conta desse sentir.

Assim, em torno da indagação inicial - o que é arte? - Consideramos que para muitos a arte é uma linguagem, onde o artista a usa para expressar-se de várias maneiras “pelo som (música), pela linguagem verbal, oral ou escrita (literatura), pela linguagem visual (pintura, desenho, escultura, gravura, fotografia) ou pela linguagem corporal (dança)”, (OLIVEIRA; GARCEZ, 2006, p. 13). O que pode correr também a junção de uma ou mais linguagens, partindo da identidade e manifestação do artista, do povo e da cultura.

Ao referir-se a linguagem Duarte Jr. (1991) aponta que é por meio dela que o homem estabelece relações com os acontecimentos da sociedade, atribuindo sentidos a humanidade. Nesse sentido, a linguagem traduz símbolos e utiliza de códigos para estabelecer tais relações, para ele

Nossa linguagem é um código simbólico. Isto quer dizer que as palavras (símbolos) são convencionadas para transmitir um determinado significado. A linguagem é produtos de uma convenção entre os homens, afim de que seus símbolos guardem um mesmo sentido para todos que lhe empregam. (DUARTE-JUNIOR, 1991, p. 39)

Através do exposto, o autor refere-se aos acordos gramaticais e regras que são estabelecidas na linguagem, por exemplo, o uso de letras do alfabeto para formar palavras; pensemos aqui na palavra “CASA”, é escrita dessa forma, pois assim foi estabelecida, ao grafarmos a palavra “CAZA”, esta é considerada errada, pois estabeleceram que fosse escrita com “s”. Todavia, há como entender o sentido de “CAZA” como na frase: “ a caza está suja. ”, entendemos que se trata de uma “casa”, conhecendo o contexto empregado.

Partindo dessa concepção, o mesmo não acontece nas manifestações artísticas, pois as obras de arte, apresentações teatrais, a música e a dança não apresentam regras e se houver a alteração de uma cor, uma melodia, de uma



expressão ou forma o sentido da arte pode ser alterada. Assim, o uso da linguagem é um “instrumento de ordenação da vida humana” (DUARTE-JUNIOR, p.39) e isso ocorre, por exemplo, ao escrever essa pesquisa fazendo uso de código e baseando-se em normas para elaborá-la.

A partir dessa perspectiva, Medeiros (2005, p. 82) defende que as imagens artísticas não transmitem mensagem de forma ordenada, assim como ocorre na construção desse texto. Ao referir-se a linguagem na construção da escrita, a autora aponta que “[...] somos obrigados a utilizar a linguagem intumescida<sup>15</sup> pelo tempo, a mesma empregada pelo poder, pela ideologia, pela mídia televisiva, etc. Ela tenta tornar o que é matéria e significação em estado latente de significado”.

Com essa afirmação, a autora contraria a ideia de dividir e organizar a arte em linguagens, defendendo que não há como restringir a arte a conceituação de linguagem, na medida em que ela não apresenta estruturas fixas e pré-estabelecidas, como as utilizadas na escrita de um texto. Para ela, a arte não pode ser submetida a codificações e examinada minuciosamente, para só então encontrar sentidos nas manifestações artísticas.

Partindo dessa concepção, o educador Duarte Jr. (1991, p. 45) defende de forma objetiva que “a Arte não é linguagem, pelo seguinte motivo: porque suas formas não podem ser consideradas símbolos, como as palavras”, ou seja, não há como traduzir em uma obra de arte códigos estipulados, como em um texto onde o seu significado é expresso através de palavras (símbolos). A arte em as suas diversas formas (desenho, pintura, dança, música) expressam então os sentimentos e sentidos, não necessitam de uma lista de regras e conceitos técnicos para se tornarem arte.

Completando essa perspectiva, o autor continua,

Não há, assim, “regras gramaticais” ditando as leis de combinação dos elementos estéticos. Se cada época possuiu uma certa maneira de se expressar (um certo “estilo”), isto, todavia, não se transforma em norma, em lei. O artista não se escraviza a códigos e, frequentemente, os artistas inovadores são justamente aqueles que transgridem o estilo preponderante de seu tempo. (DUARTE JR., 1991, p. 47)

A partir do exposto, cada momento histórico e social apresenta uma forma diferente de vivenciar e fazer arte, porém, constantemente essas formas vão sendo modificadas, reconstruídas e reformuladas. Isso acontece, pois, dentro do fazer

---

<sup>15</sup> De acordo com Dicionário Aurélio: Intumescer: tornar-se túmido; inchar. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

artístico há quebra de paradigmas, cada artística busca dentro de sua obra expressar seus sentimentos e ideais. O que importa em uma pintura, por exemplo, não é a análise gráfica ou de traços, ou seja, a forma em si, mas os sentimentos percebidos ao observar tal obra.

Reafirmando isso, por meio das ideias de Medeiros (2005, p. 79), ela defende que “a arte é comunicação não linguística, voz do corpo e cor do grito. Trata-se de criar o outro do discurso, a ordem do grito. Grito do ser humano. Significações incertas. A interminação é desejada: obra aberta”. Essa definição, a qual autora aponta “obra aberta”, compreende as manifestações artísticas como dinâmicas passíveis de contestações e dúvidas, bem como o despertar de diversas reações, essas se diferem de pessoas para pessoas.

Ao tratar de “interminação”, a obra não acaba quando o pintor guarda as tintas, a bailarina as suas sapatilhas ou quando a melodia da música acaba, ela apenas começa, o que vem depois é o subjetivo de cada um. Uma obra de arte nunca se fecha, a cada nova observação ocorre uma nova fruição e outros sentimentos e pensamentos são despertados, com isso o conceito de arte também não se fecha e está em constante ressignificação, (COSTA, 1999).

Porém, faz-se necessário compreender que a concepção artística nem sempre foi assim, quando Medeiros (2005), refere-se a “Grito”, podemos aqui fazer referência a Semana de Arte moderna em 1922, onde houve um “grito silencioso” dos artistas. Essa “voz” que ecoava foi através de cores, traços, linhas, sons, esculturas e literatura, a fim de libertar o Brasil de concepções estéticas conservadoras que se baseavam no Classicismo e nacionalismo.

Para melhor compreendermos a “Semana de arte Moderna”, recorreremos ao contexto inicial do século XX, onde o Brasil passava por mudanças sociais, políticas e econômicas, expandindo a indústria, comércio e aumentando o número de habitantes através da imigração. Havia nesse período dois extremos: os capitalistas urbanos e os proletariados. O movimento modernista surge então primeiramente como crítica, levando a conscientização desse paralelo no qual se organizava a sociedade, (PROENÇA, 2005).

Considera-se que esse foi um dos eventos mais significativos na consolidação de uma concepção diferente de arte, ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, reunindo artistas como: Anita Malfatti (pintura), Heitor Villa-Lobos (música), Victor Brecheret (escultura), Mário de Andrade e Oswald de Andrade (literatura),

dentre outros. Esses artistas, em sua arte, realizaram uma afronta aos modelos artísticos conceituados na época, o que causou muitas críticas e descontentamento por parte da sociedade, considerando as obras “sem equilíbrio” (PARANÁ, 2006).

Partindo dessas mudanças de concepções estéticas e artísticas, surgiram alguns manifestos-arte expressando o pensamento de mudança da época, dentre eles o Manifesto da Poesia Pau-Brasil de 1924. Este deixa “entre linhas” a afirmação da necessidade de se pensar e fazer uma arte nacional, brasileira e pautada na realidade cultural de ser povo brasileiro. Em um dos trechos desse manifesto Oswald de Andrade afirma: “Ver com olhos livres”, (ANDRADE, 1924, p. 09), a colocação do escritor sugere que, era o momento de tirar as vendas dos olhos colocadas pelas imposições estéticas exteriores, começar a enxergar o país de forma crítica e artística.

Em relação a isso, o que antes era apenas representação do meio e o uso preciso de técnicas para melhor representar o visível no mundo se torna, a partir do movimento modernista, uma representação além de apenas cópia do visual. Não apenas na arte visual, mas também na música, na literatura, arquitetura e esculturas, a arte traz algo consigo; há uma intencionalidade dos artistas a partir do que ele sentiu e viveu para criar a sua obra, toda arte carrega por trás uma mensagem, (COSTA, 1999)

E é nesse sentido que a arte passa por mais uma ressignificação, surge manifestações artísticas que consideram de fato a arte enquanto vivacidade, movimento, dinâmica e sentidos. Uma forma de conceber a arte aqui é dentro de uma perspectiva da liberdade e dos sentidos uma arte do corpo que fala, do som que provoca, da imagem que chama atenção, do visual que denuncia, do cheiro que convida.

Nesse contexto, anteriormente a Arte Moderna, predominava no Brasil as pinturas acadêmicas, estas ganharam grande reforço com a vinda da “Missão Artística Francesa<sup>16</sup>” ao país. As concepções estéticas/artísticas dos artistas da época eram dotadas de técnicas e padrões, “os artistas neoclássicos<sup>17</sup> seguiam rígidos princípios

---

<sup>16</sup> Esta missão “foi responsável pela organização da Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, no Rio de Janeiro, onde se ensinava uma arte com referenciais europeus, traduzidos em um estilo denominado de Neoclássico.” (PARANÁ, 2006, p. 219)

<sup>17</sup> “neo” refere-se a novo e “clássico” as obras da antiguidade clássica, especialmente no renascimento. Estas foram tomadas como base para a concepção estética da Missão Artística Francesa, (PARANÁ, 2006, p. 219).

no desenho, no uso das cores e na escolha dos temas que, em geral, eram históricos, mitológicos e religiosos”, (PARANÁ, 2006, p. 219).

A partir dessa concepção, Medeiros (2005) faz uma crítica à sistematização da arte e a tentativa de ordenar elementos na compreensão artista, para ela é preciso cautela ao analisar a técnica da arte, para que o trabalho continue vivo em expressão. Assim, a autora continua defendendo que a decodificação do mundo por meio da razão e de códigos “domesticam” o homem, ou seja, o aprisiona.

Portanto, em um viés de liberdade de expressão “por meio de linhas, das cores, e das formas, é possível traduzir um sentimento difícil de expressar em palavras” (PARANÁ, 2006, p. 29). Esses sentimentos são variados: a dor, a saudade, o medo, a solidão, uma paixão devastadora, o ódio, a indignação, entre outros. Uma imagem pode então representar muito, através de elementos artísticos combinados a sensibilidade do artista.

Assim, constroem-se as justificativas de não colocar a arte em uma “caixinha” apenas isolando-a em um ou outro contexto, mas enxergá-la em diversos aspectos porque a arte não vem para aprisionar ninguém e sim libertar, romper, criar, criticar “a arte permanece revelando o monstruoso” (MEDEIROS, 2005, p. 85). Diante disso, a arte vai além do racional, choca, provoca, ora é desproporcional, ora enorme, ora sutil.

Dentro dessa perspectiva, a arte é vida e está estreitamente ligada ao tempo em que foi produzida e pensada. Na sociedade a arte se apresenta de forma dinâmica, por isso, torna-se fundamental conhecer seu percurso histórico, no sentido de que através da compreensão das concepções artísticas e informações a respeito da arte, a desvendaremos mais facilmente. Costa (1999, p. 61), ao tratar da importância do aprendizado em arte convida os leitores a imaginar,

[...] que uma pessoa esteja diante de uma pintura renascentista representando a última ceia de Cristo, seguramente a obra mais conhecida no Ocidente. Se o observador não conhecer essa passagem da Bíblia [...] verá na pintura apenas um banquete, no qual alguns homens se reúnem em torno de um convidado especial.

Portanto, conhecer o contexto histórico, cultural, social e também político da arte é necessário para a sua (re) significação. Se essa pessoa, que a autora nos levou a imaginar, conhecesse o período em que a obra foi pintada, quem foi o artista e a qual movimento artístico pertence, conseguiria visualizar de forma mais sensível a representação.

## 2.2 UM DIÁLOGO ENTRE ARTE E ESCOLA

Assim como a arte no Brasil teve seu desenvolvimento de acordo com cada período histórico, cultural, social e político do país, na educação isso não foi diferente. A percepção artística e educacional de anos difere da concepção apresentada hoje, porém houve muita pesquisa, teoria e reflexão por trás da arte-educação que lemos e conhecemos atualmente. Existe também um grande paralelo entre o que a literatura apresenta e o que encontramos na prática.

No período dos colégios jesuítos a educação era voltada apenas aos meninos de família rica – os nobres e burgueses – a escola não era destinada as camadas populares e nem as meninas. Já os nativos foram ensinados nas missões jesuítas que tinham como principal objetivo a catequização. Após a expulsão desses religiosos do Brasil ocorreu as chamadas “aulas régias”, designadas pelo Marquês de Pombal. Contudo, através da vinda da família real ao país ocorreram mudanças no sistema educacional que fora dividido em três níveis: primário, secundário e superior, (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 41-42).

Com isso, percebemos ideias europeias na educação da época, pois a forma de ensino vinha pautada em moldes dos colonizadores portugueses e foi a partir de 1816, na época Imperial, que a arte começou a ser ensinada no Brasil dentro de moldes neoclássicos focando o ensino sobre tudo no desenho, de acordo com Ferraz e Fusari (1993, p. 24)

Na prática, o ensino do desenho nas escolas primárias e secundárias apresenta-se ainda com uma concepção neoclássica ao enfatizar a linha, o contorno, o traçado e a configuração. Essas particularidades tão “intelectualizadas” foram transmitidas principalmente pela Academia Imperial do Rio de Janeiro e pelo grupo da Missão Francesa que chega ao Brasil em 1816.

Diante disso, o ensino da arte é focado em elementos técnicos, tendo em vista uma metodologia pedagógica tradicionalista, onde a expressão individual de cada artista/aluno não é significativa e esse deve seguir os moldes que lhe foram estabelecidos. Nessa perspectiva, a “aprendizagem se dá através da mimese – cópia de “modelos” e do “natural” – pela repetição mecânica de modelos, e não por imitação ativa sobre o modelo da natureza ou da cultura”, (IAVELBERG, 2010, p.106).

Por conseguinte, a Pedagogia Tradicional é caracterizada, discutida e criticada por Saviani (2012, p.6), ao dissertar que a “escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o

acervo cultural aos alunos”. Nessa perspectiva, os conhecimentos científicos são peças fundamentais no ensino aprendizagem, onde cabe ao aluno receber sem reflexão o que lhe é apresentado.

Partindo dessa ideia, o ensino da arte no século XX continuava pautado no desenho dentro de elementos técnicos, considerando a reprodução superior ao processo de criação, a aprendizagem acontecia por meio da técnica, memorização e exercícios repetitivos. Os conteúdos de arte apresentados pelos educadores dentro da pedagogia tradicional eram acatados como verdades absolutas e copiados pelos alunos/artistas, (IAVELBERG, 2010, p. 111).

Assim, ao nos referirmos a esse encaminhamento metodológico podemos pensar que é uma realidade distante da educação contemporânea, no ponto de vista que a arte não é mais baseada em cópia, elementos técnicos, memorização e aquisição do conhecimento sem reflexão. Porém, infelizmente, na realidade o ensino da arte não se faz muito diferente, a valorização se dá ao produto e não ao desenvolvimento do aluno, nessa perspectiva

Isto ficava (e fica ainda) evidente peça preocupação com as amostras dos trabalhos em finais de períodos escolares, como ocorria também com as apresentações de música (canto orfeônico), de teatro e até de dança, especialmente preparadas para esse fim. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 45)

As produções de desenhos feitos pelas crianças são, em muitos casos, motivadas pela razão de mostrar aos pais, compor portfólios e sobre a justificativa de que ela deve fazer “bonito”. O mesmo ainda acontece com danças e teatro, estas manifestações artísticas surgem na vida da criança perto de datas comemorativas e de espetáculos culturais promovidos na escola, porém essa criança não canta o que ela quer cantar, não dança como ela quer dança (reproduz uma sequência de passos coreografados) e não encena o que ela prefere encenar, apenas reproduzir frases e movimentos.

Tal realidade apresentada acima, justifica-se no sentido de um fazer artístico baseado em modelos a serem seguidos, sequências pré-determinadas e tomando como exemplos produções artísticas já existentes, pois na pedagogia tradicional o grande objetivo do ensino está “no produto do trabalho escolar” (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 27). Nesse ideal, a aluno não reflete sobre a arte, não desenvolve seu potencial criativo, nem tão pouco sensível, a preocupação aqui é com a atividade final.

Em contrapartida, a Pedagogia Tradicional surge um movimento conhecido como Escolanovismo ou Escola Nova, o cenário educacional neste período estava em

crise, a luta era por cultura, políticas públicas, investimentos e educação pública básica a toda a população. Nesse mesmo momento, as questões e inovações trazidas pela Semana de Arte Moderna, ainda inquietavam a sociedade no campo artístico, (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 31).

Dentro desse cenário de mudança, o movimento “Escola Nova” buscava romper com os paradigmas estabelecidos na tendência pedagógica anterior, defendendo a centralização do aluno no processo ensino aprendizagem. Houve então um deslocamento das ideias da Pedagogia Tradicional para a Nova, sobre isto disserta Saviani (2012, p.9)

[...] tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretívismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender.

Nessa concepção de “aprender a aprender”, as aulas de arte na Pedagogia Renovada destacavam a expressividade do educando, as suas especificidades, seus sentimentos e experiências, na medida em que há o entendimento que cada indivíduo é único. Com isso “a ênfase é a expressão como um dado subjetivo e individual que os alunos manifestam em todas as atividades, as quais passam de aspectos intelectuais para afetivos”, (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 47).

Na Pedagogia Nova, houve mudanças em relação a forma de ensinar arte na escola, ao lermos sobre esse período é visível que dentro dessa concepção pedagógica o conhecimento passa a ficar em segundo plano, a valorização sobre tudo ocorre na expressão e criação do educando. Baseadas em pressupostos psicológicos, filosóficos e artísticos essa mudança, que focada na produção mais significativa, teve alguns influenciadores internacionais dentre eles, John Dewey, Hebert Read e Viktor Lowenfeld, (IAVELBERG, 2010, p. 112).

O trabalho dos professores de arte do Brasil teve como referência, especificamente, os escritos de Read (1948) ao propor a “Educação Através da Arte”, esse movimento originou no Brasil a criação da “Escolinha de Arte No Brasil<sup>18</sup>”,

---

<sup>18</sup> No Paraná destaca-se a contribuição de Guido Viaro, que foi pintor e professor, lecionando aula de artes para crianças e posteriormente atuou na Escola De Música e Belas Artes do Paraná, onde mais tarde se transformou na implantação do Centro Juvenil de Artes Plásticas, localizada no subsolo da Biblioteca Pública do Paraná (Curitiba). Diante disso, a contribuição de Viaro para a arte Paranaense

localizada do Rio de Janeiro e liderada por Augusto Rodrigues no ano de 1948. Sobre as ideias de Read nos diz Ferraz e Fusari (1993, p. 15)

A Educação Através da arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano seus aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizadora ao grupo social ao qual pertence.

Diante do exposto, essa forma de ver e trabalhar a arte na educação visa muito mais que pura expressão de criatividade, pensa também na criança dentro da sua especificidade como ser criador e inovador. Nas “Escolinhas de Arte” o educador “via o aluno como ser criativo, a quem devia oferecer as condições de expressão artística, supondo-se que, assim, ao “aprender fazendo”, saberiam fazê-lo também, cooperativamente, na sociedade”, (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 49).

Sendo assim, o educando de arte é capaz de produzir de acordo com sua percepção do mundo, longe de cópias e modelos, demonstrando através da arte suas vivências sociais, cotidianas e culturais. As teorias da Escola Nova, bem como os arte-educadores que influenciaram esse período entendem que:

[...] a função da arte na escola é a de possibilitar a atividade criadora, mas entendida de forma ampla. [...] entendem que as pessoas são capazes de produzir criativamente, e a arte enquanto processo criador é o elo que faz o ser humano ligar-se à vida. A criança vai fazer suas produções artísticas e descobrir a alegria da criação de arte, quando o ambiente ou as pessoas souberem motivá-la. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 101)

A concepção de arte nesse período começou a ser pensada em uma perspectiva mais humana, pois a possibilidade de criação estava centrada no discente e na sua forma de encarar o mundo, transparecendo suas vivências para as produções artísticas. Essa forma de produção infantil passa a ganhar valorização dentro do campo artístico, o desenho livre/espontâneo passa a ser o processo metodológico de aprendizagem em arte.

Dentro desse período, também, entrou em vigor a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – trazendo mudanças educacionais e propondo abordagens curriculares em torno de disciplinas e suas práticas, isso também aconteceu com a arte. De acordo com Ferraz e Fusari (2009, p. 51) a disciplina passa de “campo preferencial de saberes sistematizados e, como as demais, tornam-se uma prática para aprimorar a “personalidade” e hábitos dos adolescentes”.

---

foi significativa, através da arte-educação, pois ele objetivava apresentar novas referências artísticas e romper com o tradicionalismo que ainda era dominante na época, evidenciando a criação e o despertar artístico, (PARANÁ, 2006).



Essa alteração na forma de pensar-se a arte dentro da escola alterou os currículos educacionais, porém a mudança não se estendeu a formação de professores. Constatando-se, dessa forma, um grande desafio na construção de uma arte que contemple as suas diversas formas. Em relação à formação de professores, Barbosa (1989, p.170) aponta que “naquele período não tínhamos cursos de arte-educação nas universidades, apenas cursos para preparar professores de desenho, principalmente desenho geométrico”.

O contexto da época, no que diz respeito aos professores de arte, apresentava-se da seguinte maneira,

Os cursos de formação de professores de Música, Artes Plásticas e Desenho, por exemplo, eram pouquíssimos, havendo, portanto, uma grande carência de docentes nessas linguagens artísticas para assumir o ensino da arte, incluindo o Teatro, que foi instituído em muitas escolas, (FERRAZ; FUSARI, 2006, p. 51).

Portanto, é perceptível que a formação de professores em arte, dentro do cenário brasileiro, sempre foi desvalorizada e precária. A arte em suas múltiplas formas de expressão exige conhecimento de suas especificidades, envolvendo: a música, o teatro e as artes plásticas, porém isso não ocorria e não ocorre até hoje. As políticas de formação de professores não estão interessadas na formação de um professor atuante nas áreas artísticas, na medida em que a arte leva o indivíduo a comunicar-se, criticar e dialogar com o mundo.

Em outro momento, 10 anos após a implantação da LDB, mais uma mudança curricular no ensino de arte foi proposta, refere-se à Lei n. 5.692/71 na qual a arte se torna “Educação Artística” (Ensino Fundamental e Médio), englobando em uma única disciplina todas as formas artísticas. Com isso, exigindo para a prática um docente “multifacetado”, ou seja, que apresente conhecimento nessas diversas áreas. Isso resultou em uma arte restrita novamente a padrões tradicionais e foca em atividades, deixando de lado o conhecimento em arte, (FERRAZ; FUSARI, 2006, p.51-52).

A forma de ensino mencionada acima, esboça claramente a tendência tecnicista, diante do maior objetivo da escola em formar indivíduos para atuar como meros trabalhadores nos espaços da sociedade. A concepção de “Educação Artística” distorce o real sentido que a arte emprega na vida do indivíduo, ou seja, colocada no interior da escola como apenas técnica não leva a criação, reflexão e nem tão pouco a humanização. Sobre isso Duarte-Jr. (2009) revela que a arte em sala de aula deixa de ser arte,

Nunca tivemos, por aqui, uma educação humanista, pois ela não interessa ao modelo industrialista de desenvolvimento adotado por nós. A escola sempre foi vista como uma linha de produção em que se fabricam indivíduos mecanicamente adaptados às exigências do industrialismo, (DUARTE-JR, 2009, p. 80).

Percebemos que a Pedagogia Tecniciста estava meramente voltada a um bom planejamento e articulação de uma metodologia “mecânica”. Nesse sentido, o conhecimento não tinha respaldo reflexivo era necessário apenas assimilar conceitos, sem questionar sobre eles. Torna-se lamentável pensar que em uma sala de aula, não havia/há a percepção cultural, social, crítica e sensível dos fatos representados em uma obra de arte.

No decorrer da educação brasileira, pensando as tendências pedagógicas para as aulas de arte, surge a Pedagogia Histórico-Crítica, contando com as contribuições de Paulo Freire<sup>19</sup> a quem defendeu durante muitos anos uma “Pedagogia Libertadora” – a qual consistia em despertar a consciência crítica da sociedade e educar almejando a transformação social, (FERRAZ; FUSARI, 2006, p.55-56). As reflexões feitas pelo educador pautavam-se na resolução de problemas, autonomia e libertação dos cidadãos das “amarras” sociais impostas pelo sistema. Nesse caso, a arte também surge aqui como instrumento de liberdade, de crítica e de contestação da realidade vivida.

Desse modo, nos deparamos com diversas visões e formas de compreender a educação e, conseqüentemente, a arte no espaço escolar, ter consciência desse processo histórico que acontece na educação é importante para se pensar questões que surgem ao falarmos de arte e educação. Afinal, por que a arte é “ensinada” dessa forma? A questão pode ser respondida diante das tendências pedagógicas apresentadas e na concepção de arte-educação que se modificou no decorrer do tempo. Conforme explana Ferraz e Fusari (1993, p.39)

[...] devemos lembrar que, hoje, as aulas de Arte apresentam influências das três pedagogias enunciadas – tradicional, novicista e tecnicista – em maior ou menor graus. Estas pedagogias, embora descritas separadamente, na prática se imbricam. Acreditamos que o conhecimento dos principais aspectos pedagógicos, ideológicos e filosóficos que marcam o ensino-aprendizagem de Arte, pode auxiliar o professor a entender as raízes de suas ações, bem como o seu próprio processo de formação.

---

<sup>19</sup> “[...] educador brasileiro reconhecido internacionalmente, propõe uma alfabetização de adultos que conduza a uma consciência clara dos fatos vividos”, (IAVELBERG, 2010, p. 116).

Dessa forma, toda prática pedagógica não está livre de uma concepção filosófica/metodológica/educacional, mas é carregada de sentido através de uma teoria principal. O trabalho do professor com a arte em sala de aula é reflexo da sua visão educacional e artística, ou seja, as atividades, criações e a maneira como o docente “ensina” arte a seus alunos é resultado das suas vivências e formação. Surge então a importância de compreender as diferentes tendências: saber o que é arte, conhecer as teorias e currículos, para não correr o risco de “destruir” a Arte, presos a fundamentos que privilegie o conteúdo, ou, a técnica, ou, a espontaneidade.

Através de todo esse diálogo artístico e pedagógico no cenário educacional, percebe-se que há uma disparidade em relação à atuação dos docentes: professores empenhados em implantar uma proposta diferenciada no ensino de arte e outros sem propostas e objetivos bem claros; novamente evidenciamos a questão da formação de professores, onde encontra-se docentes “despreparados” para trabalhar conceitos artísticos e todas as formas de arte, (FERRAZ; FUSARI, 2009).

Diante da ideia de construção de um currículo atualizado para a Arte, constatamos mais uma vez a relevância de uma boa formação docente pautada no ensino de arte. Atualmente o sistema educacional segue o que está proposto nas diretrizes educacionais, com enfoque no currículo proposto pela BNCC (2018), que ao considerar a arte-educação afirma que: “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores, (BRASIL, p. 191, 2018).

Evidenciando o currículo, ao falar de experiências e vivências artísticas, leva-nos a pensar: os professores estão preparados para ensinar arte conforme solicita os currículos e diretrizes educacionais? Acreditamos que não. Em torno dessa indagação, a educadora Ana Mae Barbosa propõe a forma como o ensino da arte deveria ser direcionada não apenas no sentir, emocionar-se ou vivenciar situações artísticas, mas defende a arte para uma educação emancipadora.

Nesse ideal, Barbosa (2012, p. 35) sistematiza a teoria da Abordagem Triangular pautada na “leitura da obra de arte, no fazer artístico e contextualização”, ou seja, refere-se à articulação desses 3 pontos: ler, fazer e contextualizar. De acordo com a autora não se trata de uma metodologia e sim de uma proposta, em torno de um cenário de mudanças sociais, estéticas e culturais, que pede também mudanças na forma de ensinar arte nas escolas.

Portanto, o ensino da arte precisa passar por esse caminho; em relação a “leitura das obras” há uma distinção entre apreciação, a leitura aqui passa pelo entendimento da imagem, a mensagem que se quer transmitir e o sentido que ela emprega. Já o “fazer” seria o contato com os materiais, objetos artísticos e a produção de arte; incluindo também a contextualização, seja ela social, cultural, história e até mesmo psicológica, sendo imprescindível para entender arte, pois, como já mencionado nessa pesquisa o fazer artístico traz consigo todo um contexto, social e cultural, (BARBOSA, 2012).

Mas, a partir das reflexões propostas por Barbosa (2012) como seria um currículo ideal de arte/educação?

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a análise da obra de arte e a contextualização estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. (BARBOSA, 2012, p. 36)

Desse modo, para a autora é necessário que haja um equilíbrio entre o indivíduo em formação e com o conhecimento de arte em si, para que assim se alcance uma arte no espaço escolar que valorize sua essência, proporcione experiências e contribua de fato para a formação estética e humana. Portanto, a Abordagem Triangular, a partir da forma como foi sistematizada contempla as ideias de um currículo propício para a Arte, relacionando o conhecimento, a criação e o contato com a arte.

Porém, o sistema educacional deveria rever conceitos e concepções em relação a elaboração de um currículo para a arte. Pensando sobretudo na formação dos docentes, seja na formação inicial ou continuada aos professores que lecionam na educação básica. Esse fato justifica-se na importância de formar professores que conheçam arte, pois, “o protagonismo no planejamento e articulação dos componentes curriculares depende então de uma permanente formação teórico-prática dos profissionais da educação de arte”, (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 148).

### 2.3 A EXPÊRIENCIA ARTÍSTICA: FORM (AÇÃO) ESTÉTICA DOCENTE

Na atual conjuntura da Educação Nacional o professor exerce um papel determinante na formação de cidadãos, por meio da concepção pedagógica que cada educador traz consigo e aplica em sala de aula o conhecimento do educando vai

sendo construído. Isso acontece inclusive no ambiente universitário do curso de Pedagogia, onde os acadêmicos estão em formação para atuarem no ambiente escolar, com isso Ferraz e Fusari (2009, p.56) indagam: “que história da educação escolar em Arte queremos fazer? ” O intuito aqui, é parar para pensar na nossa formação<sup>20</sup>.

Nesse contexto, o educador Santo (2002) ao escrever sobre formação de professores comenta suas experiências enquanto docente do Ensino Superior, lecionando no curso de Pedagogia. Ele lamenta a falta de educação estética que os acadêmicos chegam no ambiente universitário, partilhando o que normalmente ouve sendo uma “declaração consistente em “não sei desenhar ou não sei fazer poesia”, em resumo, nada daquilo vinculado a uma expressão artística faz parte de sua bagagem de ingresso na universidade” (SANTO, 2002, p. 23).

Ao ouvir tal declaração dos acadêmicos percebemos que a “culpa” pela falta de valorização e sensibilização artística na educação não é meramente da universidade, mas sim, de todo um sistema educacional que não desperta aos educandos as experiências estéticas. Toda via, só se aprende a desenhar desenhando, a cantar cantando e assim por diante, sendo imprescindível ao professor o acesso a arte. No entanto, para que isso aconteça é necessário que o academico esteja disposto a “ produzir novas conexões com as tintas ao pintar um quadro, com a argila ao criar uma peça, com as palavras ao fazer uma poesia”, (SANTO, 2002, p. 64).

Portanto, as experiências estéticas e artísticas são importantes dentro do ambiente educacional, sobretudo na formação de professores. Nesse ponto, evidenciando a problemática desse trabalho: a ausência de formação de professores para a arte, recorremos a explanação de Barbosa (1991, p. 177)

Como resultado, nós temos professores dando aulas de arte que nunca leram nenhum livro sobre arte-educação e pensam que arte na escola é dar folhas para colorir com corações para o Dia das Mães, soldados no Dia da Independência, e assim por diante. Aqueles professores nunca ouviram falar sobre auto-expressão ou educação estética.

Percebemos então que a temática da arte na formação de professores já é um assunto que vem sendo discutida há algum tempo e de acordo com a autora, a falta de sensibilização estética e artística dentro do ambiente universitário reflete consideravelmente na prática artística dentro do contexto escolar da educação básica.

---

<sup>20</sup> Colocando-me aqui também como acadêmica de Pedagogia e professora da educação básica.

A ausência de contato com a arte e de conhecimentos artísticos culturais, resulta em práticas parecidas com as que a autora descreve, focando em visões e ações metodológicas tradicionais.

Desse modo, as experiências estéticas estão interligadas com o fazer docente, sendo necessário então entender o que é a estética e visualizar suas contribuições para a educação. Partindo desse pressuposto, os educadores Amorim e Castanho (2008, p. 1175) nos apresentam um de seus conceitos sobre o referido tema,

Entendemos que a dimensão estética se refere ao desenvolvimento do gosto pelas artes, ao desenvolvimento da capacidade de vincular-se artisticamente com a vida. Trata-se de uma atividade original do espírito ligado ao belo, ao agradável, à fruição, às emoções, mas ligada também a outros aspectos da vida, porquanto é a totalidade das faculdades humanas que estão presentes no ato de criação ou da apreciação.

Através do exposto, os autores demonstram que a educação estética é um colocar-se no mundo por meio das artes, seja de uma pintura, uma música, um teatro ou uma dança. É também perceber do dia-a-dia, no contato com as pessoas, com a natureza, com suas emoções e dentro da própria docência as coisas belas do cotidiano e conectar-se com elas.

Em nossas ações diárias, a estética está presente “mesmo sem perceber educamo-nos esteticamente no convívio com as pessoas e situações da vida cotidiana” (FERRAZ; FUSARI, 2006, p.19); considerando aqui o contato com diferentes manifestações culturais, o local onde estamos inseridos, os filmes e novelas que assistimos o que é vinculado pelas mídias e os livros que lemos. Inclusive os lugares que frequentamos e o contato no meio social no qual se convive (trabalho, igreja, família, grupo de amigos). Tudo isso desperta em nós sentimentos dos mais relativos, assim vamos construindo o nosso gosto, o consideramos belo ou não, o que dá ou não prazer.

Nesse ideal, a educação estética não inicia na vida adulta, desde crianças somos educados esteticamente e despertados para gostar ou não de determinadas coisas, as práticas de educação estética acontecem nos jogos, brinquedos, brincadeiras, livros e desenhos em que as crianças têm acesso. Todas as imagens e ações visualizadas pelas crianças vão sendo inseridas no seu imaginário e compoem uma educação estética. Dessa forma, ao ser inserida no ambiente escolar ela passa a conhecer novas formas de representar o mundo, mas a sua vivência anterior ao contexto escolar não pode ser desconsiderada.

Partindo deste pressuposto, sobre a infância e educação estética as crianças desde o início de sua vida compreendem as coisas e seres que a cercam, o gostar ou não gostar, o prazer e desprazer, assim como as diferenças e semelhanças marcantes em determinados objetos e demonstram afetividade e/ou recusa. Aqui está um dos pontos a serem revistos em relação à educação estética, o professor que compreende a arte-educação não levará para sala de aula “qualquer” material para ser trabalhado, ou seja, pensará no sentido que aquele objeto empregará na formação estética e sensível de seu aluno e não apenas nas aulas de arte, (FERRAZ; FUSARI, 2006, p. 66).

Nesse pressuposto, a formação estética do docente deve ser pensada, tendo em vista que a beleza resulta das nossas interações com os objetos e o desenvolvimento de uma consciência estética<sup>21</sup>. Diante disso, na experiência estética o importante não é apenas nomear os objetos, cores e formas, mas de fato sentir o que a arte proporciona em nós. O trecho de uma crônica de Rubens Alves ilustra o que foi exposto,

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo, (ALVES, 2004, s/p).

Dessa forma, as imagens que vemos não vêm com um manual de instruções de como serem observadas, o necessário então é apreciar permitindo-se sentir. Assim como para Rubem Alves em “A complicada arte de ver”, para mim, a imagem de um ipê florido me remota diversos sentimentos bons, reportando também memórias especialmente de meu tempo de infância. No entanto, para algumas pessoas talvez essa árvore não signifique nada ou há ainda a possibilidade de que prefira as folhas secas caindo com sutileza, ou a imagem uma árvore sem cor, de acordo com as vivências já estabelecidas com a imagem de um ipê.

---

<sup>21</sup> Duarte Jr. (1991, p. 57) utiliza esse conceito para defender que a estética não está presente apenas em nossa mente, mas que “a beleza se coloca *entre* o homem e o mundo, *entre* a consciência e o objeto” (1991, p. 57).

Diante disso, o que foi citado acima faz parte das nossas experiências de vida, que são também experiências artísticas. Não é à toa que choramos com determinada música ou gostamos de móveis e objetos antigos, o gosto de certa forma foi despertado por uma experiência em que vivenciamos. Duarte Jr. (1980, p. 29) assim complementa,

A vida humana é um constante fluir emotivo, sobre o qual advêm as significações que a palavra lhe dá. A homem experiência o mundo primordialmente de maneira direta, emocional, voltando-se então sobre estas experiências e conferindo-lhes um sentido, através de simbolizações adequadas.

O autor nos releva a importância das experiências para a atribuição de sentido à vida, para entender o significado do mundo e as relações emotivas/sociais que o indivíduo estabelece. Isso está diretamente ligado ao experiencial do mundo, pois não há como entender ou refletir sobre algo que não foi vivido, ou seja, como falar de arte se nunca vivenciou arte. Consideramos aqui, que a educação estética precisa de experiências e uma prática de formação docente que a valorize, pois, colorir folhas soltas resultam em experiências? É necessário empregar sentidos.

Diante do que já foi mencionado, a respeito de arte e estética, é necessário fazer um paralelo entre os dois conceitos diferenciando a sua definição e tornando mais compreensível a concepção existente de estética. Para Ferraz e Fusari (2009, p. 52) a estética em arte está relacionada “à compreensão sensível-cognitiva do objeto artístico inserido em um determinado tempo/espço sociocultural”, ou seja, é a percepção do indivíduo com determinada obra de arte.

As autoras ainda afirmam que as obras de arte não são exclusivamente aquelas que estão nos museus ou salas de arte, mas inclusive a natureza<sup>22</sup> pois, há um motivo e sentido sensível-cognitivo para que o cantar dos pássaros ou a imagem de uma cachoeira cause em algumas pessoas tanta emoção. Essas atitudes estéticas estão estreitamente ligadas com as ações culturais e sociais, pois a concepção estética vai sendo moldada de acordo com o contexto sociocultural que o indivíduo está inserido, (FERRAZ; FUSARI, 1993).

Portanto, a questão da arte está estreitamente relacionada a concepção do que é belo, do que me agrada ou não e também as percepções sensíveis que determinada obra causa, ou seja, do prazer ou desprazer estético. Tomaremos como exemplo a

---

<sup>22</sup> Assim como os ipês da crônica de Rubem Alves.



obra *A fonte* de Duchamp<sup>23</sup>, esta pode causar vários sentimentos ao ser observada, essa arte impressiona e choca até hoje, causa desconforto e indignação em muitas pessoas que se questionam: “ como um urinol branco de porcelana pode ser considerado arte”. Em resposta a isso o próprio artista afirmou: “ isso é arte” (MEDEIROS, 2005, p. 30)

Portanto, nesse caso um simples objeto produzido industrialmente e designada arte pelo artista há muito para nos dizer em relação a estética, rompendo com a ideia de que a arte é apenas cores e expressão de sentimentos bons. Conforme expõe Duarte Jr. (1991, p.60) “ a arte abre-me sempre um campo de sentidos por onde vagueiam os meus sentimentos, encontrando ali novas e múltiplas maneiras de ser.”, afinal o mictório utilizado pelo artista não está relacionado apenas com a beleza da arte, mas com a forma como se observa e se relaciona com ela.

Partindo desse pressuposto, o que é criado artisticamente advém de uma concepção estética sendo “a mobilização de ações que resultam em construções de formas novas a partir da natureza e da cultura; é ainda resultado de expressões imaginativas” (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 54). Portanto, o “artístico” está relacionado com a obra em si, seja ela música, dança, teatro, artes visuais e assim por diante, são as manifestações artísticas que aproximam o homem do estético.

### 2.3.1 ARTE E O PROFESSOR “HUMANIZADOR”

A humanização é um termo que esta sendo utilizado com mais frequência atualmente, pois, muito se ouve dizer sobre parto humanizado, humanização na saúde, atendimento humanizado e também humanização na educação. Mas afinal, onde está a arte no papel da humanização?

Para responder a tal indagação, ressaltamos a ideia de Freire<sup>24</sup> que o homem é um ser em processo e esta em constante busca de “ser mais”, pois, é incompleto e o seu objetivo é preencher-se e pertencer ao mundo. Para alguns esse pertencimento

<sup>23</sup> “Marcel Duchamp (1887-1968), pintor e escultor francês, sua arte abriu caminho para movimentos como a Pop Art e a Op Art das décadas de 1950 e 1960. Reinterpretou o Cubismo à sua maneira, interessando-se pelo movimento das formas.” MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. Dadaísmo. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/dadaismo/>. Acesso em: 17 de ago de 2019.

<sup>24</sup> Em “ O papel da Educação na humanização”. FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização**. Revista Paz e Terra, São Paulo, n. 9, p. 123-132, out. 1969. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1127>. Acesso em: 25 de ago de 2019.

perpaça o sucesso, a fama, um emprego, estabilidade financeira, encontrar um grande amor, ter filhos, viver na liberdade, entre tantas coisas que o homem em sua incompletude caminha almejando. Nesse sentido, a educação<sup>25</sup> tem o seu papel formador e humanizador do homem, pois ele pertence a um meio social e é designado a agir e transformar esse espaço, (FREIRE, 1997).

A partir da concepção de pertencer ao mundo, Amorim e Castanho (2007) declaram que vivemos em uma sociedade que não se importa com o outro, tudo em busca de preencher-se por si só, partindo do princípio da “in-sensibilização contemporânea”. Tal fato é visível no cotidiano diante do fato da violência, por exemplo, tornando-se algo banal e com os índices cada vez aumentando, inclusive no ambiente escolar<sup>26</sup>. Os indivíduos parecem não enxergar tal situação, a realidade fica ofuscada por de trás de um egoísmo latente, ou seja, “se não é comigo não tem problema”.

Desse modo, saber que o outro está passando por situações diferentes das que eu vivo desperta a empatia e colabora com a diminuição da “in-sensibilização” e com a promoção de mais “olhar o outro”. Ao ser questionado sobre a arte e a formação humana afirma Duarte Jr.<sup>27</sup> (2011, p. 23), “penso que seja ela bastante responsável pela dimensão da sensibilidade, da convivência, do compreender o outro de que tanto necessitamos”, ressaltando a importância da arte como um caminho para a sensibilização. Isso porque, a partir do momento que temos contato com a arte, temos contato com os sentimentos do outro e passamos a entendê-lo melhor.

Sendo assim, Amorim; Castanho (2007, p. 6) afirmam que a arte tem como objetivo “tornar o homem sensível a si, ao outro, à humanidade, à natureza, ao mundo; sensibilizar o mundo, eis o ideal a ser mirado.” Esse é o motivo pelo qual o homem precisa do contato com o belo, estabelecendo assim relação com mundo e também com o que é criado na arte. Constituindo assim, uma educação que nade contra a

---

<sup>25</sup> Tanto formal quanto informal, ou seja, dentro ou fora da escola.

<sup>26</sup> A violência na escola é um desafio para os educadores na atualidade, as brigas e desentendimento em ambiente escolar se tornam cada vez mais constantes e intensas, gerando inclusive mortes. Como no caso da Escola de Realengo (RJ) em 2011 e em Suzano (SP) em 2019, duas instituições educacionais que foram vítimas da violência e alvo de atiradores. Fato esse que resultou na morte de alunos, professores e funcionários. D’AGOSTINI, Ana Carolina C. Tiroteio em escola de Suzano: o que educadores podem fazer frente a uma tragédia como essa? **Nova Escola**. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16081/tiroteio-em-escola-de-suzano-o-que-educadores-podem-fazer-frente-a-uma-tragedia-como-essa>. Acesso em: 25 de ago de 2019.

<sup>27</sup> Em entrevista a Lins (2011). Disponível em: LINS, Cláudia Maisa Antunes. **A Arte e a Educação**. Juazeiro: Fonte Viva, 2011.

corrente e valorize a arte, empregando sentidos mais humanos nas relações sociais e educacionais.

Portanto, a contribuição da arte-educação para uma formação humanizadora perpassa o contato com as manifestações artísticas e a sua relação com as diferentes culturas, formas de pensar, agir e ver o mundo. A cultura é parte da essência da humanidade “ é nela que nos tornamos humanos, que aprendemos a organizar e construir o mundo, atribuindo significações”, constituindo então formas subjetivas de cada um relacionar-se com o mundo, (DUARTE JR.,1980, p. 51).

Nesse pressuposto, a cultura é criada na medida em que o homem age no meio social, constituindo crenças, valores e a atribuição de significados e sentidos as coisas, ou seja, é a forma de estar no mundo. Portanto, “através da dimensão estética podemos entrar muito mais profundamente no entendimento de nossa cultura e sermos sujeitos muito mais ativos na sua elaboração” (AMORIM; CASTANHO, 2008, p. 1117); sendo que, há culturas tão diferentes umas das outras e a arte nos dá a capacidade de perceber tais diferenças e de relacionarmos com elas.

Em vista disso, a formação cultural expande a visão do educador e através das vivências com diferentes manifestações artísticas, desenvolve-se um professor com o olhar sensível, voltado a compreender melhor o mundo e as situações ao seu redor; podendo inclusive transformar concepções sobre o fazer pedagógico que já foram por ele determinadas como verdades. Ao assistir um filme por exemplo, certas concepções podem ser mudadas, por isso a importância das experiências estéticas para a formação docente, (CARVALHO; NEITZEL, 2011).

Com isso, a educação estética, por meio da arte, nos sensibilizam no contato com o outro, levando em conta a diversidade no contexto educacional, pois há alunos de diferentes modos de vida, com leituras de mundo diversos, que apresentam comportamentos específicos a determinado grupo ou cultura. O que também tem ligação com a arte, no ideal de que ela amplia a forma de perceber a multiculturalidade e essa aproximação com a diversidade acontece através da sensibilização, do contemplar, do perceber e do sentir, (AMORIM; CASTANHO, 2008).

Por conseguinte, as experiências artísticas dão a possibilidade de o professor criar e recriar; muito do que vemos de criação dentro da universidade é muito copiado, os planos de aula, os materiais, as histórias. Pega-se referências já existentes e reproduz em cima delas, porém a criatividade de verdade não é isso. Está ligada ao novo, à capacidade de ver uma caixa vazia e idealizar diversas possibilidades com

aquele material, ou ao observar um canto na escola sem uso ter a capacidade de criar um espaço diferente, dentro das suas possibilidades e com os materiais disponíveis, (SANTO, 2002).

Desse modo, o processo de criação reflete no fazer docente, seja no contato com as criações artísticas ou na própria produção, porém, a configuração das aulas de arte tradicionais<sup>28</sup> sufocam a criação, tanto do aluno, quanto do professor. O ensino é conteudista, priorizando técnicas e enfatizando linhas, pontos e a pintura de desenhos prontos, com isso não há criatividade dentro da educação básica e nem tão pouco da universidade. O educador Santo (2002, p. 37) usa o termo “ pobreza de expressão”, para designar a dificuldade dos alunos, seja na educação básica ou universidade, em expressar-se artisticamente.

Conseqüentemente, uma concepção de educação tradicional não colabora para a formação humana dos indivíduos, pois está focada apenas no depósito de conteúdos e não na criticidade. O educador Paulo Freire (1969) em seus escritos apresenta a ideia de uma educação bancária, onde o aluno é o recipiente e o professor é depositante dos conteúdos. Portanto, a educação bancária não almeja a humanização e para ele a concepção humanista recusa os depósitos de conteúdo, (FREIRE, 1997).

Diante da perspectiva de humanização podemos considera-la também na experiência estética<sup>29</sup> e a partir da Abordagem Triangular, visto que, ambas levam o educando a contextualizar a sociedade, experimentar o contato com a arte e a produzir suas obras. Esse pensamento vai contra a proposta de educação bancária, pois, levanta problemáticas, desenvolve o pensamento crítico e leva os educandos a refletirem sobre a realidade e criarem a partir dela, como é o caso por exemplo das intervenções artísticas<sup>30</sup>. Em conseqüente, sobre a humanização juntamente com a educação libertadora Freire (1969) afirma que essa concepção

Estimula a criatividade humana. Tem do saber uma visão crítica; sabe-se que todo o saber se encontra submetido a condicionamentos históricos-

---

<sup>28</sup> Sobre o ensino tradicional e suas marcas ainda no ensino atual descritas no item “ Um diálogo entre a arte e a escola”.

<sup>29</sup> Experiências artísticas e estéticas envolvendo, visitar um museu, ir a um espécuro de teatro, assistir um filme no cinema, contemplar uma obra de arte. Vivências que possibilitem o contato com a arte e o despertar de sentimentos e emoções.

<sup>30</sup> “As intervenções são manifestações organizadas por grupos de artistas com o propósito de transmitir mensagens. Elas são um tipo de arte que tem o objetivo de questionar e transformar a vida cotidiana.” IMBROISI, Margaret H. **Intervenção artística urbana**. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/intervencao-artistica-urbana/>. Acesso em 25 de ago de 2019.

sociológicos. Sabe que não há saber sem a busca inquieta, sem a aventura do risco de criar. Reconhece que o homem se faz homem na medida em que, no processo de sua hominização até sua humanização, é capaz de admirar o mundo. É capaz de, despreendendo-se dele, conversar-se nele e com ele; e, objetivando-o transforma-lo. (FREIRE, 1969, p. 15)

Nessa afirmação, o autor usa o conceito de “hominização”, que refere-se ao processo de evolução do homem primitiva, ou seja, características humanas que foram modificando-se durante o processo evolutivo. Todavia, o educador considera o indivíduo como ser que age e transforma o ambiente em que vive, que detêm a possibilidade de criar, pensar criticamente e refletir as situações pessoais e sociais que lhe são apresentadas. Essa prática de transformação/humanização perpassa também pela arte.

Considerando então, por exemplo, uma intervenção artística a qual pode ser criada na escola, seja com os docentes ou com os estudantes, para levantar questões que sejam importantes para aquele contexto, tais como: descarte de lixo, *bullying*, violência, entre outros. Portanto, é importante ressaltar, que um professor humanizador consegue perceber questões do contexto escolar e elencar formas de lidar com elas de modo mais criativo e sensível.

Podendo então, utilizar-se da arte para modificar o meio em que esta inserido, diante de uma problemática apresentada; nesse contexto a formação escolar é considerada humana “ quando põe sobre o homem o olhar detido em suas peculiaridades, em seus mais íntimos e alegres desejos, em sua maneira singular de estar no mundo e dele participar, transformando-o.” (AMORIM; CASTANHO,2007, p.7),

Além disso, mais que criação e aproximação com o outro, a arte nos faz voltar o olhar também para nós mesmos, a “arte seria uma provocadora de sentimentos, na medida em que age sobre os sentidos humanos”, (CARVALHO; NEITZEL, 2011, p.1180). Nesse viés, o professor buscará um olhar mais sensível ao analisar seu aluno e também a si próprio; é importante ter em mente também que os acadêmicos/professores carregam consigo sonhos, dores, traumas e vivências pessoais fora da universidade. O contato com a arte pode despertar para esse sentimento, colocando o indivíduo em posição de encontro com suas emoções.

Com isso, a necessidade da arte na formação dos futuros docentes é indispensável para a formação de uma educação mais sensível, sobre isso aborda Amorim e Castanho (2007, p. 09)

A arte enquanto sensibilizadora do humano poderia estar a serviço da educação, presente na sala de aula, na lida com os alunos, no lidar com o ensino. Não seria incumbida de uma missão salvacionista, porque não se trata de salvar algo ou alguém de qualquer coisa que seja. Seria a arte uma convidada (para mais tarde tornar-se uma anfitriã, quem sabe!) às carteiras escolares, às mesas dos professores, às conversas entre alunos. Porque se estética refere-se à capacidade humana de construir o conhecimento através dos sentidos, a aula é, sim, o habitat por onde se pode elogiar esta dimensão humana. E a educação, a formadora de homens, aquela que vá recebê-la à porta.

Nesse contexto, o professor trabalha diariamente com a formação humana de seus alunos e estabelece em sala de aula muitas vezes um papel de mediador das emoções. A partir do momento que o docente tem uma postura sensível, despertada através da arte, poderá de uma melhor forma auxiliar os seus alunos nesse processo de vir a ser, ou seja, na formação não apenas intelectual, mas humana. Ressalta-se mais uma vez a importância de sentir através da arte e leva-la para o espaço de formação, seja ele do ensino básico ou superior, em forma de som, imagem, movimento ou a junção dessas diversas linguagens, assim colaborando para a formação do sensível.

No entanto, é preciso destacar que a Arte por si só não transformará a realidade como um todo, ou seja, a arte não salva ninguém, ela é um meio pelo qual a pessoa pode ou não se tornar mais sensível ao outro. O que vai determinar essa mudança são inúmeras questões, culturais, comportamentais e psicológicas, ou seja, não é de uma hora para outra que a arte dentro do ambiente universitário formará professores diferentes, dependerá também da maneira como cada um receberá essa arte, (DUARTE-JUNIOR, p. 25, 2011)

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

Essa pesquisa foi de cunho bibliográfico, baseando-se em artigos, teses e periódicos selecionados na ferramenta *Google acadêmico* e base de dados *Scielo*. Pautando-se também em livros físicos e virtuais que tratam da temática, pois conforme Gil (2002, p.44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado”.

Para melhor responder a problemática desse estudo, utilizamos também da pesquisa de campo, aplicando aos acadêmicos e docentes do curso de Pedagogia da UCP questionários semiestruturados afim de coletar informações a respeito das percepções estéticas e artísticas dos estudantes do 2º, 4º e 6º períodos e também dos docentes desse curso.

#### **3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA**

##### **3.2.1 População**

A presente pesquisa selecionou os acadêmicos e docentes da Faculdade do Centro do Paraná UCP.

##### **3.2.2 Amostra**

A pesquisa de campo foi realizada no Curso de Pedagogia da UCP, nas turmas de 1º, 2º e 3º ano

#### **3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS**

### 3.3.1 Instrumentos

Para a realização dessa monografia utilizamos de pesquisa de campo com a aplicação de questionários aos docentes do curso de Pedagogia da UCP e também aos acadêmicos do curso. Sobre esse método de pesquisa aponta Lakatos e Marconi (2003, p. 185) “aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta”, ou seja, justifica-se a utilização desse método, pois se faz necessário conhecer o público que pretendesse analisar. O questionário para os docentes e discentes foi aplicado utilizando o Google Formulários, plataforma online de pesquisa e preenchimento de formulários.

### 3.3.2 Procedimentos

Os questionários foram previamente elaborados com perguntas que contemplassem a problemática da pesquisa, afim de recolher dados que demonstrem a realidade do curso de graduação em Pedagogia considerando a relação as experiências artísticas e estéticas. Contando com questões abertas e fechadas, o questionário foi aplicado de forma individual aos acadêmicos e docentes do curso.

## 3.4 ANÁLISE DE DADOS

A partir dos dados coletados as análises realizadas foram *quali-quantitativa* das respostas obtidas, refletindo e contraponto com a teoria apresentada, buscou-se dessa forma atender a problemática proposta nessa pesquisa.

De acordo com o Ilkiu e Souza (2017, p. 69) a pesquisa quantitativa “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-los e analisá-los”. O questionário aplicado contará com perguntas fechadas e de múltiplas escolhas que visão levantar dados em relação ao contato com expressões artísticas por parte dos estudantes, dentro e fora do ambiente universitário, as informações coletas serão apresentadas dentro de gráficos e tabelas.



Conforme os mesmos autores a pesquisa qualitativa “[...] é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem”. (2017, p. 69). Dessa forma será realizada análise de perguntas abertas e descritivas respondidas pelos professores e acadêmicos, as respostas obtidas não são capazes de serem traduzidas em números, considera-se então a subjetividade e percepções pessoais de cada pesquisado.

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista que, a Licenciatura em Pedagogia dá ao profissional a possibilidade de atuar nas diversas áreas do conhecimento, como professor polivalente<sup>31</sup>, também como coordenador pedagógico, tanto em instituições escolares, quanto não escolares; sendo essencial uma base de conhecimentos, durante a sua formação inicial, para o bom desenvolvimento de sua prática docente. Desse modo, a presente pesquisa preocupa-se em responder a problemática da arte-educação na formação de professores, considerando as experiências estéticas, culturais e artísticas em contexto universitário; além disso, buscando compreender o papel do professor universitário na formação dos futuros pedagogos (as).

Por isso, pensamos a formação do professor de forma ampla, acoplando os diversos eixos de trabalho pedagógico, não apenas considerando que ele vai atuar na disciplina de Arte, mas que as vivências culturais e artísticas que tiver durante a sua graduação muito contribuirão para o exercício docente como um todo, ou seja, no papel de mediador, despertando a criatividade em seus alunos, promovendo também o senso crítico e estético, além de colaborar para uma formação humana do aluno enquanto sujeito.

Sendo assim, realizamos a aplicação de questionários por meio do *Google Forms* em duas frentes: a primeira diz respeito aos alunos do curso de Pedagogia 2019 da Faculdade do Centro do Paraná; já a segunda em relação aos professores de Pedagogia 2019 com mais de 6 meses de atuação. Buscando verificar a relação que os acadêmicos e os docentes estabelecem com as manifestações artísticas, bem como a concepção de arte de cada um e de que forma percebem as experiências culturais dentro do curso.

No entanto, antes de analisarmos as informações presentes, é necessário que tenhamos uma breve contextualização do curso na IES. O curso de Pedagogia da UCP, atualmente, tem a duração de 3 anos, apresenta conceito 4,0 pelo MEC e visa formar profissionais para atuarem nas mais diversas áreas do setor educacional. De acordo com o PPC da instituição “o Curso de Pedagogia da UCP oferece ao futuro pedagogo conhecimentos, habilidades e formação de valores, por meio de propostas

---

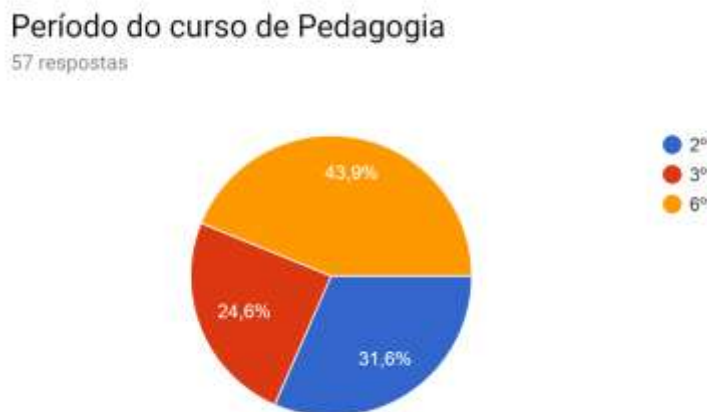
<sup>31</sup> Professor que leciona diversas disciplinas na educação Básica, inclusive Arte; sendo “formado em Pedagogia, Magistério ou com formação incompleta, necessitando, portanto, de suplementares na área artística.” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 149)

inovadoras, num ambiente democrático e de valorização humana” (PPC/PEDAGOGIA-UCP, 2019, s/p). Nesse preceito, além do referido curso, todos os demais cursos da instituição, sejam eles licenciaturas ou bacharel, devem presar pela formação humana, ou seja, pela humanização.

Em relação aos discentes, 57 acadêmicos dos 3 períodos do curso de Pedagogia da UCP participaram da pesquisa, esses participantes, conforme respostas coletadas nos questionários, residem no município de Pitanga, bem como municípios ao entorno da região central do Paraná como: Manoel Ribas, Boa Ventura, Cândido de Abreu, Turvo e Jardim Alegre; os participantes têm idade entre 17 e 44 anos. Dentre as inúmeras informações que obtivemos por meio a aplicação dos questionários, selecionamos informações que consideramos relevantes no que tange à análise dos dados e o possível diálogo com a problemática do presente trabalho.

O gráfico a seguir apresenta-nos a quantidade de acadêmicos participantes da pesquisa, bem como o período no qual se encontra no curso de Pedagogia.

**Gráfico 1 Período em que se encontra no curso de Pedagogia**



Fonte: 1 Castro, 2019

Observamos que a maioria dos alunos participantes da pesquisa concentram-se no 6º período, ou seja, concluindo a graduação em Pedagogia, portanto, os dados obtidos no questionário foram de maior percentual nesse período. Outro fator que devemos levar em consideração é o número de alunos por período, pois, há uma diferença de quantidade de acadêmicos.

Os conhecimentos artísticos e estéticos surgem com grande relevância na formação desses acadêmicos/futuros professores, tendo em vista as diversas possibilidades de criação e inovação que eles podem estar desenvolvendo em sala

de aula com seus alunos e demais ambientes educacionais que virá a trabalhar. Nessa perspectiva, conforme proposto na Abordagem Triangular (BARBOSA, 2012), lendo, contextualizando e fazendo, o acadêmico compreende os processos artísticos nos aspectos sociais, culturais, históricos, da criação e também do sentir, aproximando-se do conhecimento de forma mais direta e prazerosa.

Portanto, o teatro, a poesia, a dança, a música e as diferentes manifestações artísticas podem ser meios pelos quais o acadêmico tenha contato com outras culturas, realidades e experiências diferentes daquelas que já acontecem em seu cotidiano. Desse modo, aproximando o ideal de humanização na educação escolar, conforme descreve Freire (1969) devemos romper com o ensino bancário e promover uma educação voltada ao sensível e a interação com o outro e com o conhecimento em questão.

Embora o PPC do curso contemple a formação humana do pedagogo, o fazer artístico, isto é, o contato direto com a Arte no curso de Pedagogia da UCP encontra-se apenas no último semestre da grade curricular, a disciplina de Metodologia do Ensino da Arte e da Música conta com carga horária de 80 horas semanais; mas, é importante destacar que o tempo destinado à disciplina não conseguirá contemplar de forma precisa todas as áreas artísticas, tendo em vista que o conhecimento artístico é amplo e perpassa não apenas a leitura de textos teóricos, mas também as experiências que possam ser proporcionadas aos alunos.

Porém, não é apenas responsabilidade do docente de Arte apresentar situações artísticas e culturais a seus alunos, pois, as demais disciplinas também envolvem aspectos artísticos. Como a Educação Infantil, por exemplo, onde o fazer artístico é constante, pois conforme aborda Ferraz e Fusari (2009), a criança é pura imaginação, criação, expressão e movimento, portanto, abordar conteúdos artísticos em disciplinas que tratem da criança e da educação infantil é extremamente propício.

Desse modo, realizamos, aos acadêmicos, o seguinte questionamento: “ Você já participou de alguma formação em Arte (curso, minicurso, palestra, mesa redonda)? Considera que as formações estéticas, artísticas e culturais devem ser estimuladas no ambiente universitário? ” Destacam-se algumas das respostas em que os acadêmicos afirmaram não terem participado:

A 13: “Não participei. Mas acho muito relevante a formação em Arte, no ambiente universitário, pois é essencial para ter uma formação, que nos capacite em atuar na sala de aula, como para nossa formação pessoal”.<sup>32</sup>

A 14: “não participei. sim, elas precisam ser estimuladas no ambiente universitário, bem como na educação básica.”

A 30: “Fazia o curso de teatro oferecido na escola em que eu estudava, após isso mais nada. A formação artística e cultural devem sim estar presentes no ambiente universitário.”

A 44: “Não participei, mas acho extremamente importante a inclusão de cursos nas escolas e outras instituições referente essa temática.” (CASTRO, 2019, s/p.)

Ainda partindo dessa questão, destaca-se também respostas positivas em relação à formação em arte:

A 17: “Sim, já participei de cursos relacionados a como trabalhar a arte na educação infantil, e sim acredito que a formação artística e principalmente a cultural devem ser estimuladas no ambiente universitário, como uma forma de respeitar as diversas formas artísticas.”

A 26: “Já participei, mas participei de muito mais formações fora do ambiente acadêmico do que nele próprio. Considero que a UCP não visa muito a formação estética do acadêmico.”

A 47: “Já tive a oportunidade de participar da mesa redonda.”

A 56: “Sim ja participei, e acho muito importante todos os profissionais de educação ter este contato com a arte.” (CASTRO, 2019, s/p.)

As transcrições de respostas dos questionários são algumas das considerações feitas que destoam das demais porque não apresentam a temática da formação e em qual momento foi realizada a atividade. Diante das respostas apresentadas, a temática a qual refere-se à formação foi abordada apenas na resposta 17.

Com isso, percebemos uma questão pertinente, em relação ao espaço ainda singelo que a formação de professores, tanto inicial quanto continuada, proporciona à arte. Sobre isso, autores como Barbosa (1991) salienta que quando tratamos de arte e de formação docente, é perceptível a sua falta em ambos os ambientes e ainda reitera que tanto os professores, acadêmicos leem pouco sobre o tema, a maioria não

---

<sup>32</sup> Reitera-se que as respostas dos participantes foram transcritas exatamente como estão nos questionários.

sabe desenhar, cantar ou expressar artisticamente. Mas, o que se pode compreender através dessas respostas, tanto negativas quanto positivas, é que o trabalhar arte no ambiente universitário é algo que os alunos percebem ser importantes para a formação de seu exercício docente.

Outra questão abordada no questionário foi em relação à proposição de atividades culturais e artísticas (música, artes visuais, teatro, dança, cinema) dentro do ambiente universitário da UCP, sendo questionados: “Você já vivenciou alguma atividade artística (música, artes visuais, teatro, dança, cinema) dentro do ambiente universitário da UCP? Se sim, descreva quais e em que momento elas foram realizadas”. Vejamos:

A 10: “sim, dança do curso da educação física nas festividades da UCP”

A 25: “sim, oficina de contação de história”

A 30: “Sim, algumas apresentações de música e artes visuais. Geralmente acontecem na semana do aniversário da faculdade ou em alguma data comemorativa. ”

A 44: “Sim, algumas vezes. Presenciei uma vez uma peça teatral no saguão, e outras vezes os alunos na amostra de talentos onde utilizaram a música.”

(CASTRO, 2019, s/p.)

Diante das respostas obtidas, observamos que 26 dos acadêmicos participantes da pesquisa responderam que não tiveram contato com atividades artísticas no ambiente acadêmico. Em contrapartida, 31 deles mencionaram alguma manifestação artística vivenciada na faculdade. Tal dado demonstra que essas vivências artísticas não foram relevantes para 45,6%<sup>33</sup> dos acadêmicos. Conforme Duarte Jr. (1991) a arte precisa estar na vida das pessoas e mexer com suas emoções, convicções, certezas e pensamentos, sendo um meio de conectar-se com o mundo, com os outros e com seu “eu”, e os alunos não podem agir como meros receptores passivos do conteúdo ou das propostas de vivência e o ambiente universitário é propício a isso.

Com a leitura das respostas podemos refletir sobre a questão da dificuldade de a arte (e a sua formação artística) estarem (no senso comum) intrinsecamente ligadas a momentos esporádicos de lazer ou descontração. Tal situação não é típica somente da amostra selecionada para a pesquisa, mas de grande parte dos centros acadêmicos. No entanto, a arte não é apenas entretenimento, ela é também reflexão,

---

<sup>33</sup> Percentual obtido por meio da contagem de respostas negativas e positivas.

criação, recriação, significação e sentimento, além de aproximar-nos do senso estético, da contestação do mundo, possibilitando assim um paralelo com a realidade, (MEDEIROS, 2005).

Outro fator de destaque é que tais momentos, de contato artístico destacados pelos alunos, não contemplam apenas o curso de Pedagogia porque são realizados em parceria com outros cursos. Assim, a promoção de tais atividades artísticas não contempla um olhar mais pedagógico, ou de fruição, de conhecimento e de vivência, eles apenas acontecem; ou melhor, a arte continua com a função de entretenimento. Além disso, ainda diante dessa questão, os acadêmicos mencionaram em apenas duas das respostas atividades realizadas em sala de aula, conforme descritas a seguir:

A 17: “Sim, em atividades avaliativas proporcionadas pelos professores, entre elas foram teatro, e artes visuais”

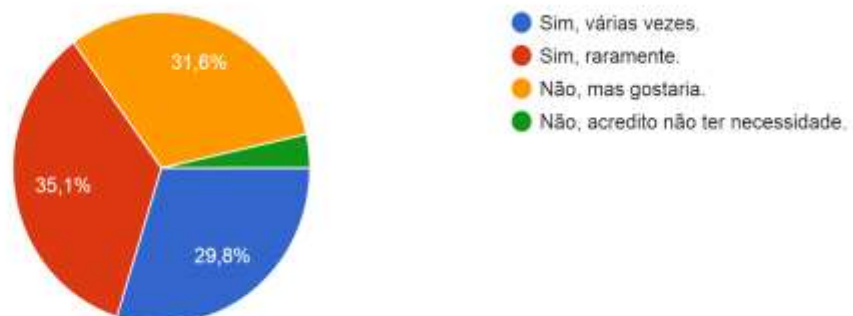
A 49: “Sim, nas aulas, em conversas, e mini cursos.” (CASTRO, 2019, s/p.)

As respostas mencionadas acima entram em confronto com questão seguinte, cujo questionamento se refere ao incentivo que os professores dão aos acadêmicos ao contato artístico. Ao serem indagados: “Durante seu tempo de graduação algum professor o incentivou ao contato artístico? ”. Vejamos:

**Gráfico 2 Incentivo dos professores para o contato artístico**

Durante seu tempo de graduação algum professor o incentivou ao contato artístico?

57 respostas



**Fonte: 2 CASTRO, 2019.**

Observando o gráfico a cima, os acadêmicos responderam, em sua maioria, que os professores desenvolvem raramente em sala atividades artísticas ou despertam para o contato com a arte. Outro fator relevante e do qual os teóricos

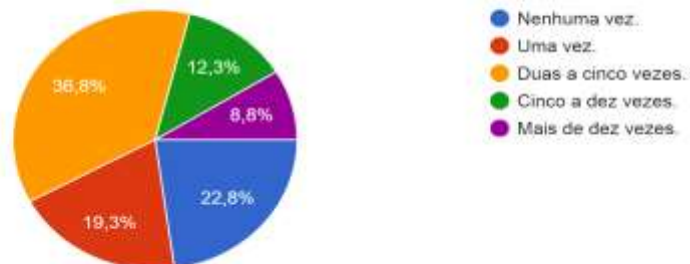
abordados reiteram constantemente é a formação cultural que tanto o aluno quanto o professor devem ter para que se possa trabalhar a arte, afinal, ela faz parte, também, do sentir, do vivenciar para então ensinar. Conforme Duarte Jr. (1991) as experiências culturais vão construindo as concepções do sujeito e dando sentido a sua vida, diante da percepção que cada um tem da arte.

Em relação às demais questões feitas aos alunos os questionavam sobre o contato com as diversas manifestações artística e culturais na universidade. Com isso, percebemos que o teatro é a manifestação artística mais conhecida e vivenciada pelos acadêmicos do curso de Pedagogia. Podemos compreender essa menção pelo fato de que é comum tal linguagem artística na Educação Infantil e Ensino Fundamental, pois a produção teatral é feita (em sua maioria) com o intuito de obtenção de notas ou apresentação em eventos culturais, sem que esse trabalho tenha como norte a arte-educação. O gráfico a seguir refere-se ao teatro:

**Gráfico 3 Quantas vezes os acadêmicos assistiram peças teatrais**

Você já assistiu a alguma peça teatral?

57 respostas



Fonte: 3 CASTRO, 2019

Os dados apresentados no gráfico apontam que o teatro faz parte do contexto dos futuros pedagogos, porém, conforme já discutido por Ferraz e Fusari (1993), o docente precisa tomar cuidado com as metodologias tradicionais<sup>34</sup>, as quais empregam um sentido repetitivo e reproduz as produções artísticas, no sentido de levar a criança, jovem e até mesmo o adulto a decorar falas e reproduzi-las sem emoção ou compreensão do contexto. Além de, correr o risco de ficar preso metodologicamente a uma expressão a qual domine ou conheça mais, deixando de lado as demais linguagens artísticas.

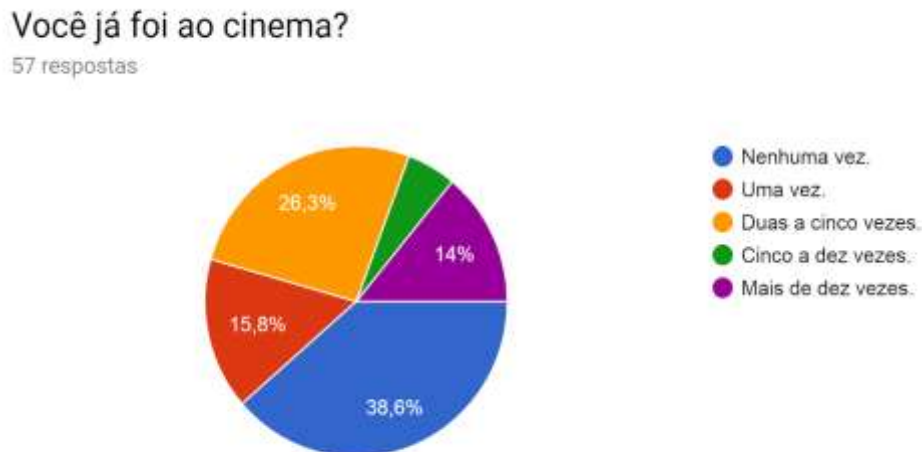
<sup>34</sup> Tendência Pedagógica explanada e criticada por Saviani (2012) no item: “Um diálogo entre a arte e a escola”.



Contudo, é importante frisar que a arte da dramatização é diversa, rica, cheia de expressividade, movimento e emoção, sendo também um grande meio para se trabalhar conceitos artísticos e ampliar a leitura e interpretação do mundo. Contudo, os dados obtidos sugerem algumas questões em relação às experiências teatrais: será que os futuros pedagogos já presenciaram uma performance? Ou um grande espetáculo teatral? Conhecem a história do teatro? Já produziram um roteiro? Acreditamos que o contato dos acadêmicos com o teatro é de senso comum, por observar que tanto a região, quanto o ambiente acadêmico não dispõe de tal manifestação artística.

Por conseguinte, dentre as atividades culturais mais acessíveis no que tange a arte é o cinema, por isso, inserimos nos questionamos dos acadêmicos a pergunta em relação às vezes que já foram ao referido local, sem questionar o filme ou momento ao qual assistiram. Conforme demonstra o gráfico abaixo:

**Gráfico 4 Quantas vezes os acadêmicos já foram ao cinema**



**Fonte: 4 CASTRO, 2019**

Percebemos que o número de pessoas as quais nunca foram ao cinema é predominante. Uma das justificativas a esse fato, diz respeito a falta de salas de cinema da região, uma vez que o acesso a tal arte exige, além do pagamento do ingresso, uma viagem a cidades vizinhas, deixando o acesso ainda menos democrático. Ter o contato com o cinema, de forma crítica, torna o aluno e o professor mais sensível as quatro áreas de conhecimento da arte, ampliando, assim, a visão de artes visuais, de movimento, de cores, de trilha sonora, entre outros.

Nesse viés, pensando na forma curricular que a Arte está organizada e a configuração social que vivemos hoje, sendo uma sociedade tecnológica, midiática e

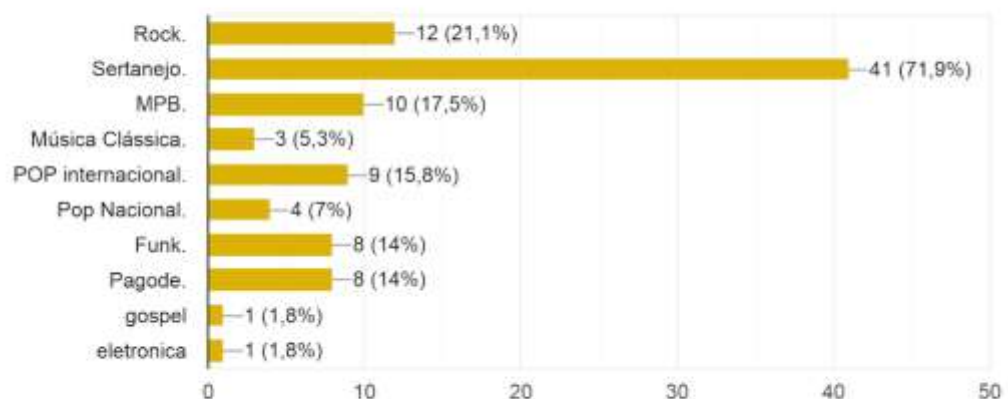
imagética, o cinema surge como um importante meio para instigar a arte para com os alunos, levar à reflexão, à sensibilização e à interpretação da realidade. Para que, eles compreendam que a arte não é apenas aquela fixada nos museus, mas também são as produções cinematográficas, performances, moda, disposição da cidade, entre outros, (MEDEIROS, 2005).

Em contrapartida ao cinema, sabemos que a música, está mais presente no cotidiano dos futuros pedagogos, tendo em vista que as tecnologias facilitaram o acesso as produções musicais, podemos ouvir em qualquer lugar pelo próprio celular. A mídia também tem um papel em relação a difusão musical, pois, nos rádios, programas de televisão e plataformas da internet vendem os produtos musicais a qual desejam. O gráfico a seguir ilustra os estilos musicais e as preferências dos acadêmicos de Pedagogia:

**Gráfico 5 Estilo musical de preferência dos acadêmicos**

### Qual o estilo musical você tem preferência?

57 respostas



Fonte: 5 CASTRO, 2019

Observamos, portanto, a partir da leitura dos questionários que o sertanejo é o gênero musical mais citado pelos alunos, fato se justifica pelas vivências culturais particulares da região, cujos estilos são relacionados ao campo. O estilo musical que os acadêmicos ouvem dizem respeito ao que sentem, pensam e gostam enquanto música, isso é estética; pois conforme Ferraz e Fusari (2009) o indivíduo é educado esteticamente desde criança, sem ao menos perceber, portanto os gostos musicais são uma construção de diversos fatores envolta de nossas vivências sociais e culturais.

Porém, mesmo que prevaleça o sertanejo, é importante que o professor conheça diversos estilos e gêneros musicais, assim como o conhecimento básico de elementos da música, para que incorpore em suas aulas elementos musicais diferentes dos estabelecidos pela mídia. Sabemos que em teoria as escolas deviam ter professores especializados em áreas da arte, como no caso a música, para que assim, chegando ao ensino superior, o aluno tenha vivenciado experiências musicais. Assim, o futuro professor poderia, por exemplo, explorar questões em relação à musicalização, área de extrema importância em relação ao desenvolvimento da criança.

Além do teatro, cinema e música, outra manifestação artística presente na vivência dos acadêmicos é a literatura, sendo os livros uma “ferramenta” para a humanização, pois a leitura pode preencher lacunas de experiências artísticas, fazendo com que o aluno imagine, sinta e crie situações, vivencie diferentes culturas e sociedade.

Desse modo, quando questionados a respeito do que leem com mais frequência, os acadêmicos tinham a opção de marcar mais de uma alternativa, sendo elas: romance, conto, poemas, ficção, literatura infantil, apostilas, livros especializados em educação, autoajuda, filosofia e religioso. Com isso, esperava-se que os gêneros mais lidos apresentassem certo equilíbrio, idealizando que os futuros pedagogos realizam diversas leituras.

Entretanto, com os dados obtidos, percebemos que 43,6% dos acadêmicos pesquisados afirmam que realizam leitura de livros especializados em educação; 41,8% de livros de romance, contra os baixos índices nos outros gêneros/estilos literários; ou seja, tal questão demonstra que não há diversidade de leitura no meio universitário, constatando de fato que em ambiente acadêmico a leitura de fruição não tem espaço de destaque.

Portanto, conforme salienta Gatti (2014), em torno da complexidade da formação inicial docente, um dos maiores problemas na universidade se refere à questão do tempo, pois a demanda de leituras que construirão o futuro aluno é, e deve ser extensa; além das disciplinas a serem realizadas e o currículo a ser cumprido.

Porém, de acordo do Ferraz e Fusari (1993) é importante sim que o docente conheça as teorias educacionais, afim de não cometer equívocos e estar preparando para aliar a teoria e prática, especialmente nesse caso ao que se refere a Arte-educação. É através de leituras que o futuro pedagogo se aproxima das reflexões já

realizadas em torno do cenário educacional; mas a formação de professores não deve estar restrita somente a esse tipo de leitura, tendo em vista, que o “mundo” literário é diverso e tem muito a ensinar ao discente. Desse modo, é importante que o professor diversifique, amplie as bibliografias cobradas e sugeridas aos alunos para que, além das leituras que servirão de base ao aluno, esse também possa experimentar novas leituras.

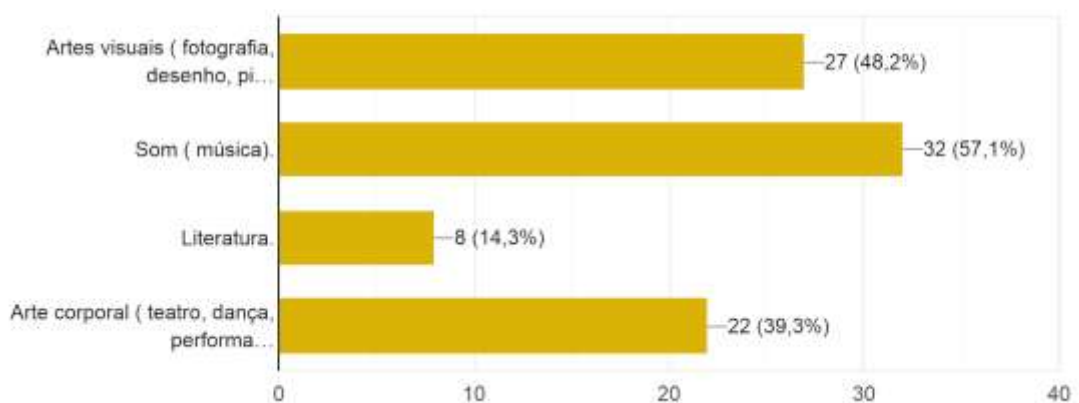
Como já mencionado, as artes, incluindo a literatura é uma forma de humanizar. Assim, Amorim e Castanho (2007) afirmam que o papel da educação é o de transformar, sendo que, as experiências artísticas e estéticas provocam no educador um novo olhar para a realidade, cada vez mais sensível. Portanto, conhecer literatura infantil, por exemplo, é importante para o trabalho do professor, bem como a vivência de momentos de prazer proporcionados pela leitura, considerando a possibilidade de oportunizar no cenário acadêmico uma formação artística/literária.

Partindo desse pressuposto, sabe-se que incentivar o gosto pela leitura não tem sido tarefa fácil tanto para a família quanto para os professores do ensino básico e de formação de docentes, nem tampouco pela arte como um todo. Para que pudéssemos “sondar” qual era a preferência por área da arte fizemos a seguinte pergunta: “Qual (is) é (são) a (as) manifestação (manifestações) artística (artísticas) citadas abaixo que você tem preferência? ”. Abaixo nós temos uma visão das respostas e alternativas dadas:

**Gráfico 6 Manifestações artísticas preferidas dos acadêmicos**

Qual (is) é (são) a (as) manifestação (manifestações) artística (artísticas) citadas abaixo que você tem preferência?

56 respostas



Fonte: 6 CASTRO, 2019

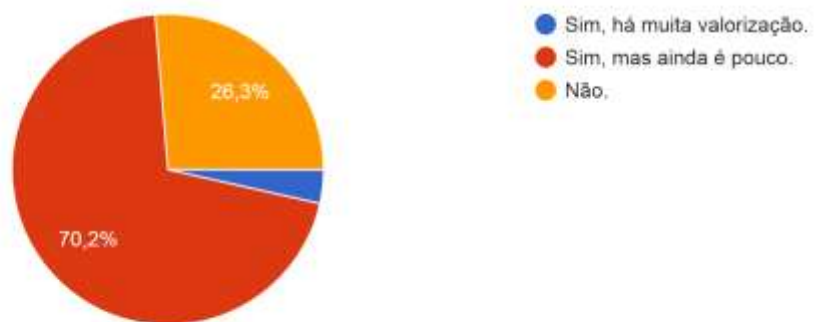
Os resultados obtidos a partir desse gráfico demonstram pontos relevantes que foram observados sobre a literatura na questão anterior, evidenciando, portanto, que as preferências dos acadêmicos não estão ligadas a literatura e sim, em sua maioria a música. Outra questão que chama à atenção é que leitura literária não exige, assim como cinema e teatro, espaço próprio, ingresso, investimentos altos. Questões financeiras são facilmente dribladas com a possibilidade de empréstimo de livros em Bibliotecas, como a Biblioteca Cidadã ou da própria instituição, ambas contam com um bom acervo literário. Então, questionamo-nos se, efetivamente, as pessoas não têm acesso a arte, ou não dá valor, de fato a ela.

Além disso, para compreender a arte, é preciso considerar o contexto social, histórico e regional, pois, conforme Costa (1999) a arte não acontece de forma isolada do mundo, mas caminha com as pessoas, com a vida. Por isso, nessa pesquisa, evidenciamos a realidade exposta pelos acadêmicos na referida questão, os quais são questionados: “Na sua opinião, a Arte é valorizada na região onde você vive? ” Obtivemos as seguintes respostas apresentadas no gráfico a seguir:

**Gráfico 7 Valorização da arte na região**

Na sua opinião, a Arte é valorizada na região onde você vive?

57 respostas



Fonte: 7 CASTRO, 2019

As manifestações artísticas regiões estão mais próximas a nós, sendo acessível a realidade do cotidiano, porém, considerando o contexto social, cultural e, também, político/econômico: há incentivo e valorização? O gráfico demonstrou que mais da metade dos acadêmicos consideram que na sua região a arte é pouco valorizada; apenas 2 dos pesquisados alegaram que há muita valorização, enquanto

15 deles acreditam que não há valorização. O que nos leva a considerar pontos de possíveis desvalorização, um deles está centrado na falta de incentivo tanto federal e estadual quanto municipal, no que diz respeito à disponibilização de verbas e projetos para que a arte, em sua amplitude e complexidade, seja trabalhada na cidade.

Nesse contexto, outro aspecto está centrado na falta de interesse da população, ou seja, na forma como cada um recebe a arte em sua vida, não considerando necessárias as vivências artísticas, e julgando perda de tempo e dinheiro. De acordo com Medeiros (2005) a arte não apresenta conceitos sólidos, pelo contrário, em muitos dos casos ela foge do lógico e determinado e traz para as representações artísticas situações da realidade social, cultural e pessoal do artista de forma irreal, mas ao mesmo tempo real, de acordo com a forma que é recepcionada.

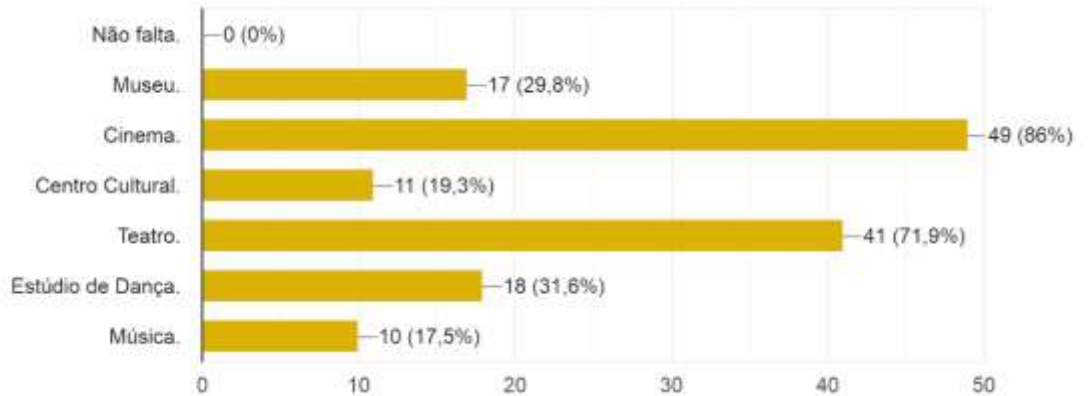
Com isso, o prejuízo para a formação de um indivíduo que vive em uma região com rara presença da arte e cultura, está centrado no pouco, ou quase nada, de contato com as manifestações artísticas, inclusive aquelas que são específicas da sua cidade. Pensando que a escola e a universidade são uma extensão da sociedade, dentro desses espaços educativos também há pouca valorização artística, pois se percebe ela vai reproduzir a cultura real, viva da região. Assim, os professores da região de Pitanga, têm um trabalho mais denso do que em outras cidades mais desenvolvidas, pois para que possam trabalhar tais vivências eles precisam se deslocar até outras regiões ou promover sozinhos tais experiências em sala de aula.

Sabemos que há a necessidade de acesso à cultura em nossa região, por isso, questionamos nossos alunos em relação a seguinte questão: Mas afinal, quais os meios artísticos que faltam na região?

**Gráfico 8 Meios artísticos e culturais que faltam na região, de acordo com os acadêmicos**

**Dentro da realidade de sua cidade, faltam meios artísticos e culturais? Se sim, quais?**

57 respostas:



Fonte: 8 CASTRO, 2019

De acordo com as respostas, o meio artístico e cultural que os acadêmicos mais sentem falta é o cinema, em seguida do teatro; em relação ao cinema, anteriormente na questão 8, os acadêmicos relatam que foram poucas ou nenhuma vez ao cinema, justifica-se em paralelo a essa questão, pois, é um espaço que a região não dispõe. Assim como o teatro, porém, na questão 7 eles responderam assistir várias peças teatrais, mas esse teatro ao qual se refere os acadêmicos está muito relacionado ao amadorismo teatral, ou seja, pequenas peças montadas pelo próprio professor e não a companhias especializadas, conforme ressalta Barbosa (2012).

Partindo desse pressuposto, a educação não pode deixar-se acomodar pela falta de manifestações artísticas próximas a realidade regional onde está inserida, sendo preciso então um conhecimento artístico por parte do professor, para que possa proporcionar experiências artísticas, culturais e estéticas dentro do próprio ambiente escolar. Sabemos que nem sempre os recursos financeiros permitem o acesso contínuo, no entanto, hoje, contamos com recursos tecnológicos como: internet, plataformas de filmes, grupos e blogs especializamos na temática. Desse modo, podemos assistir a um filme, ver uma peça de teatro, ouvir uma música ou concerto sem sair de casa. Tal circunstância substitui o contato real? Sabemos que não, mas também proporciona experiência e repertório tanto ao aluno quanto ao professor.

Por conseguinte, questionamos os acadêmicos a respeito da arte paranaense e com as respostas mostrou-se que eles desconhecem as manifestações artísticas do

nosso estado, ou seja, para que o aluno conhece e compreenda aspectos de arte mundial, ele precisa entrar em contato com a sua, questioná-la, criticá-la. Isso porque, estamos acostumados com conceitos estrangeiros, referências artísticas fora do contexto social, histórico e geográfico do Paraná, desde artes visuais a música e dificilmente conseguimos ver beleza no que é produzido aqui, ou nem conhecemos.

Nesse contexto é mais comum ouvir sobre artistas internacionais do que os da nossa terra, ainda mais se tratando de Arte Paranaense. O trabalho dessa arte em específico, pensando nos elementos artísticos do estado não são trabalhados em sala de aula, há pouco conhecimento tanto do professor quanto do aluno. Obtivemos algumas respostas a partir da leitura dos questionários possíveis de análise, no que diz respeito ao conhecimento de arte paranaense, entre elas citamos:

A 3: "FOLCLORE, DANÇA."

A 13: "Dança gaúcha."

A 16: "SIM.DANÇA UCRANIANA."

A 17: "Festa do divino, ocorre em Ponta Grossa PR"

A 34: "Festa junina, congadas..."

A 52: "Sim no ctg em Manoel Ribas"

A 55: "Ginastica artistica"

A 56: "sim, bumba meu boi" (CASTRO, 2019, s/p.)

Através das respostas observamos que ambas as manifestações artísticas citadas não se referem a cultura e arte própria paranaense, mas sim de outras regiões que foram sendo incorporadas na vivencia cultural do Paraná. Como no caso da dança gaúcha e arte nos CTG (Centro de Tradições Gaúchas), as quais fundiram-se devido à grande migração de gaúchos ao estado do Paraná.

Da mesma forma, a dança ucraniana e a festa do divino que foram incorporadas no Brasil e trazidas até o Paraná pelos imigrantes europeus, ucranianos e portugueses. Mas, já no caso das "festas juninas", "congadas" e "bumba meu boi", não são artes típicas do Paraná e sim da região nordeste no país; pode ser que em algumas regiões paranaenses essas manifestações artísticas/culturais aconteçam, mas não de forma frequente e muito menos sendo caracterizada como arte do estado.

Além disso, surge algumas respostas que destacam elementos da cultura paranaense, porém ainda não poucas, considerando os 57 pesquisados. Dentre elas:

A 22 : " "Nhô-Chico" "Também popular do litoral, o nhô-chico é uma das danças originárias do fandango, mas tida como nascida da marinha



paranaense. Formados em roda, os pares volteiam e sapateiam ao som de violas e do canto dos violeiros.”

A 26: “Alguns autores como por exemplo Paulo Leminski.”

A 30: “As danças típicas e musicas.”

A 49: ‘Fandangos, culinária, cavalgada, viola sertaneja, entre outros.”

(CASTRO, 2019, s/p.)

Analisando percebemos que de fato são presença na cultura e arte do Paraná, porém, com essas respostas reforçamos o que já foi anteriormente exposto, o conhecimento sobre arte paranaense é muito superficial, tendo em vista que, uma das respostas foi copiada da internet. Já a resposta A 30 foi apresentada de forma ampla, não dando a possibilidade de constatar se o pesquisado realmente conhece danças típicas e músicas paranaenses, pois seu texto resposta é vago. Em contrapartida com a resposta A49, pois o acadêmico especificou as manifestações artísticas e culturais as quais conhece.

Nesse contexto, nenhum acadêmico comentou sobre as artes visuais paranaenses, pois, as pessoas que caminham pela capital Curitiba certamente desconhecem a arte representando pinhões nas calçadas da Rua XV de Novembro, obra paranista que permanece até hoje, realizada por Lange de Morretes, nem ressaltando sobre as danças típicas, comidas típicas como o *Barreado*. Além disso, desconhecendo também grande parte da história da arte do Paraná, sem citar artísticas como João Turim e Guido Viaro, (PARANÁ, 2006).

E, por último, deixamos uma pergunta em aberto sobre: “o que os acadêmicos sabem sobre arte?” Pedimos, no questionário, que eles deviam explicar a sua concepção de Arte e o porquê acreditam/não acreditam que ela seja importante para sua formação.

Afim de analisar as respostas elencamos algumas palavras – chave dessa pesquisa sobre a visão do conceito de arte e quantas vezes elas apareceram nas respostas dos discentes. Apresentadas no quadro a seguir:

**Quadro 1: Termos descritos na concepção de arte dos acadêmicos**

Termos	Quantidade
Importante/ importância	42
Expressar/ expressões	19
Vida	16
Conhecimento	13

Cultura	12
Sentimentos	12
Emoções	5
Criatividade	4
Estética	4
Sensibilidade	2
Humanização	1

Fonte: CASTRO, 2019

Observando o quadro analisamos os três termos que mais aparecerem e os três que menos aparecem; percebemos dessa forma que os acadêmicos têm a noção de que a arte é importante para a sua formação, para a sociedade, vida, expressão conhecimento e criatividade, porém, não compreendem ao certo o motivo dela ser considerada importante. É visível que a concepção que mais aparece é da arte enquanto expressão, seria então a arte importante apenas para expressar sentimentos, ideias e valores, mas para questionar, fazer-nos sair de zonas de conforto não. Diante dessa perspectiva, elencamos algumas das questões onde aparece a palavra-chave “ importante”:

A2: “Acredito que a arte seja importante para se expressar e saber lidar com alguns acontecimentos do dia a dia.”

A4: “é importante para aprender a trabalhar esse tema com as crianças”

A 8: “A arte e importante para formação, porem e pouco trabalhada ! Muito pouco incentivo !”

A 29: “Para minha formação é de extrema importância, pois na área da Educação Infantil e Ensino Fundamental I é uma metodologia que pode ser usada para fazer com que os alunos se interessem nos estudos, também para descobrir novos talentos de nossa cidade.”

A 33: “sim acredito que seja muito importante, porem nunca estivemos nenhuma explicação ou talvez uma formação voltada para arte”

(CASTRO, 2019, s/p.)

Conforme abordam Amorim e Castanho (2007), a Arte está a serviço da educação e as experiências proporcionadas na escola por ela são de grande importância para o educando, pensando na sensibilização, contato com o mundo e humanização. Portanto, ela deve estar cada vez mais presente dentro do cenário educacional, todavia os futuros pedagogos têm a consciência de que a arte é

importante, tanto para a sua formação acadêmica e quanto para os alunos que vierem a trabalhar.

Porém, nas repostas acima e nas demais coletadas durante a pesquisa, em que os acadêmicos utilizaram o termo “ importância ou importante”, o motivo relevante está firmado, apenas no saber trabalhar a temática em sala de aula e em aspectos conteudistas.

No entendimento dos acadêmicos enquanto arte e expressão destaca-se algumas das respostas:

A 6: “Arte a minha percepção é uma maneira de expressar vários sentimentos, várias expressões corporais através da arte.”

A 11: “Arte para mim é muito importante, pois é a maneira que podemos nos expressar!”

A 46: “Minha concepção de arte é onde os alunos tem a oportunidade de se expressar através de movimentos corporais, dança entre outros: Essa concepção de Arte é importante para a formação acadêmica poi é ai que os alunos aprendem e podem passar para as crianças de maneira diversificada.”

(CASTRO, 2019, s/p.)

Sobre isso, a visão da Arte-educação apenas como expressão é desaprovada por Ana Mae Barbosa (2012), que ao desenvolver a Abordagem Triangular, contesta um ensino de arte sem contextualização e reflexão. Alegando, portanto, que os professores e educandos devem ter conhecimento sobre diversas linguagens artísticas. Nesse ideal, ressalta-se que não é inapropriado permitir que ocorra em sala de aula a livre expressão, evidenciando o pintar, desenhar e expressar corporalmente, afinal de contas essas práticas são prazerosas para as crianças

Em seguida, outras respostas falam sobre a vida e o cotidiano, conforme algumas a seguir:

A38: “arte é vida e de fato a arte é a própria vida se compreendermos que a arte é linguagem e o homem é um ser da linguagem”

A 40: “A arte tem varias concepções, depende da visão de cada um, no meu ponto de vista arte é vida, sou apaixonada pela arte, mais vejo que é pouco valorizada. Ela é muito importante sim para minha formação.”

A 44: “ Arte é vida”

(CASTRO, 2019, s/p.)

Os acadêmicos que relacionam à arte à vida entendem dessa forma que a arte faz parte de nós enquanto seres humanos, está presente no cotidiano e em tudo ao nosso redor; essa visão se aproxima também da ideia de humanização, experiências e contexto particular de cada indivíduo; pois, o que cada um acredita ser arte depende das vivências que teve ou tem durante sua formação e em relação a isso é muito importante que o espaço da graduação propicie ao futuro pedagogo diferentes contatos com a arte, Medeiros (2005) expõe que é arte para mim o que eu designo como tal, ou seja, se a visão artística a qual eu tive contato foi apenas tradicional, permanecerei com essa visão até que outras formas artísticas me sejam apresentadas e eu possa senti-las.

Partindo desse pressuposto, não há como cobrar dos docentes ou dos acadêmicos algo que é responsabilidade do sistema educacional, ao despertar um maior contato cultural e artístico dentro da escola, mas é relevante que o docente saia da graduação com um olhar mais apurado, tendo uma concepção de arte e sabendo que muitas vezes a realidade da Arte-Educação deverá ser moldada e mudada por ele. Ao pensar nisso fazemos relação a um ideal de transformação, conforme salienta Freire (1969), o professor juntamente com essa “bagagem” artística e cultural pode ir contra a corrente de discursos como: “ a arte na escola não serve para nada “ e firmar concepções de uma arte voltada para a humanização do aluno enquanto sujeito.

Nesse sentido, de acordo com Amorim e Castanho (2006) essas diversas concepções de arte estão ligadas a dimensão estética, referindo-se a forma como cada indivíduo se posiciona no mundo, percebe as diferentes manifestações culturais e se relaciona com ela, bem como a postura do docente com a arte na escola. E também no que diz respeito aos gostos, preferências e o belo. Tomemos aqui mais uma palavra-chave para entender o conceito de arte descrito pelos discentes: estética; porém, apenas duas das respostas fazem referência a ela:

A 25: “compreendo por arte as mais diversas manifestações estéticas acopladas a cultura, tradição, arquitetura, música, teatro, cinema, pintura, escultura e demais expressões de cunho material e imaterial. Acredito de seja de extrema importância para formação todos, pois esta área da ciência possui uma interdisciplinaridade com as demais disciplinas, por meio das obras artísticas e cada povo pode se contextualizar conteúdos de história, de literatura entre outros. Na medida em que a arte torna visível diversas culturas estabelece uma concepção de tolerância e respeito para aquele que participa

das experiências estéticas. por fim a análise critica disseminada pelas obras artística contribui na formação do sujeito crítico e reflexivo”

A 27: “A Arte como capacidade de transmitir sensações estéticas carregadas de

vivências pessoais e sentimentos que exprime a realidade, e estas são representadas e interpretadas através de sons, movimentos, imagens visuais e

dramatização, que chamamos de objeto artístico. Pois ela reflete seu tempo.

A inclusão do Ensino de Arte na Educação Básica é muito importante. Na minha opinião o ensino da arte é muito importante.” ( CASTRO, 2019, s/p)

Tais considerações, nos levam a refletir sobre os conceitos que são próprios da arte e desconhecidos dos futuros pedagogos pois, a palavra estética apareceu três vezes, sendo duas delas em uma mesma resposta e a outra descrita é uma cópia da internet. Infelizmente, percebemos que os acadêmicos do curso de Pedagogia não têm contato com experiências estéticas e nem ao menos formação teórica voltada a ela. Para Amorim e Castanho (2008) afirmam que o professor e o aluno devem ser educado esteticamente afim de compreender melhor as relações artísticas com o mundo e sensibilizar-se para a realidade.

Nessa perspectiva, pensando o fazer docente, a estética está presente nos pequenos detalhes do trabalho pedagógico, desde fazer um cartaz ou trabalhos visuais, levar uma música ou filme para os alunos ouvirem, compreender a diversidade de formas de desenhos que as crianças vêm realizando. Além de despertar a sensibilidade, pois, o “belo” e a educação estética por meio do teatro, da literatura, do cinema e das demais linguagens artísticas nos aproximam do outro.

Com isso, surge mais um termo pouco citado pelos discentes: “sensibilidade”. Em relação ao conceito, os acadêmicos, em duas respostas elencaram essa palavra-chave para definir arte:

A 20: “A arte uma forma de ver as coisas e o mundo ao nosso redor através da linguagem da sensibilidade, sentidos, das emoções, levando nos a fazer reflexões sobre o significado real do que nos cerca. É importante por nos permitir expressar os nossos sentimentos, criatividade, criar fantasias, sonhos é também ferramenta de aprendizagem e construção de conhecimentos.”

A 54: “As artes têm um papel muito importante na formação integral, já que são capazes de transformar o estudante por meio da magia, da fantasia, da

descoberta e da aventura, possibilitando o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade desde os primeiros anos de vida.” (CASTRO, 2019, s/p)

Em conseqüente, apenas uma resposta traz um termo tão comentado nessa pesquisa: “humanização”, conforme descrita a seguir:

A 26: “Arte é tudo aquilo que faz sentir, está muito ligado a sensações, sentimentos e percepções, assim sendo ela é quesito primordial para a humanização que por sua vez, é quesito essencial para a educação. ” (CASTRO, 2019, s/p)

Todavia, analisando as demais questões constatamos que algumas apresentam uma visão humanizadora mesmo sem citar o termo “humanizar”, compreendem que uma das principais funções da arte dentro da educação é levar ao contanto com o outro por meio das diversas manifestações artísticas. A concepção de arte e humanização são expostas a seguir:

A 12: “A arte abre nossa mente para explorar o comum e transformá-lo em único. É através da arte que podemos nos expressar e valorizar as nossas raízes. É de extrema importância que seja trabalhado a arte desde a educação infantil para que cresçam cientes do valor que ela acresce em nossas vidas.”

A 49: “Cultura, como foco principal, a arte é cultura, cultura é conhecimento, conhecimento é compreensão, e compreensão é humanos melhores, pra tudo, e pra todos.”

A 53: “A partir de um processo formativo sobre arte, ela desperta uma visão diferenciada e mais atenta sobre questões humanas e cotidianas, não notadas anteriormente e faz pensar e refletir sobre a vida, as pessoas e o mundo. A arte também provoca desconstruções sobre aquilo que é padronizado e que todos estão acostumados a ver como ser o normal, entretanto todas as pessoas tem sua forma de expressão e assim é valorizado o lado cultural dos povos.”

A 55: “A arte pode mudar o nosso olhar para algumas coisas, torna a vivências com ás outras pessoas mais leve.” (CASTRO, 2019, s/p)

Com essas respostas trazemos ideias que aproximam ao conceito descrito por Freire (1969), no que se refere a “humanizar” o ensino e a educação, transformando a realidade em que se vive. Na qual o professor e aluno sensibilizam-se e buscam olhar o outro com olhos mais sensíveis, compreendendo o mundo e os indivíduos em sua volta. É através de filmes, obras de arte, música e literatura, conhecendo uma

realidade diferente da sua, colocando-se no lugar do outro e compreendendo melhor seu mundo e o dos outros.

Para melhor compreender o cenário da arte dentro do curso de Pedagogia da UCP, realizamos também a aplicação do questionário aos docentes do referido curso; 4 professores responderam ao questionário, considerando apenas aqueles que trabalham a mais de um ano na instituição. Os participantes da pesquisa lecionam diversas disciplinas dentro do colegiado, pois, em uma perspectiva de interdisciplinaridade, a arte precisa fazer-se presente em todos os contextos do curso de Pedagogia.

Portanto, destaca-se algumas respostas dadas pelos docentes, afim de analisar o papel do professor universitário na mediação de conhecimentos artísticos e na promoção de experiências culturais. Pergunta aos professores: “Você já participou de alguma formação em arte (curso, minicurso, palestra, mesa redonda)? Considera que a formação estética, artística e cultural deve ser estimulada no ambiente universitário? Por quê? ” Todos responderam que já vivenciaram momentos de formação artística, salientamos a seguinte afirmativa:

P2: Sim. Embora tenha participado apenas de um minicurso especificamente sobre o tema acredito que seja de fundamental importância estimular a formação estética, artística e cultural no ambiente acadêmico, principalmente nas licenciaturas, pois ao desenvolver nos professores o confronto com o belo, o diferente, ao contemplar a realidade que a arte proporciona, bem como desenvolver a sensibilidade na formação dos professores, com certeza a prática desses profissionais também será diferente, mais rica, mais acolhedora e acima de tudo mais humana. A instituição também oportuniza durante o calendário acadêmico momentos dessa natureza. (CASTRO, 2019, s/p)

Constamos aqui que a formação em relação à arte, cultura e estética deve ser primeiramente oportunizada aos docentes e sem seguida aos acadêmicos, na medida em que a IES em questão pensa a formação de seus colaboradores. Porém, conforme salienta Gatti (2014) a atual conjuntura da formação inicial de professores, necessita passar por alterações metodológicas e curriculares, considerando, portanto, que o compromisso de formar professores para a educação básica é da Instituição de Ensino, bem como do sistema educacional em geral.

Nesse viés, quando os professores foram questionados em torno da referida questão: “Você já proporcionou em suas aulas, na UCP, alguma atividade artística (música, artes visuais, teatro, dança, cinema) ?” Em unanimidade responderam que sim, portanto, as vivências artísticas que foram levadas aos acadêmicos não

tornaram-se de fato relevantes, tendo em vista que a minoria mencionou em seu discurso atividades artísticas em sala de aula.

Com isso, destacamos que o professor universitário, entra com um importante papel nas questões de formação artística, sua atitude perante a arte pode contribuir para a visão dos acadêmicos, estes porém, aparentemente não apresentam um olhar sensível para recepcioná-la, (AMORIM; CASTANHO, 2007). Isso acontece porquê, conforme já discutido nessa pesquisa, o acesso a arte na educação básica é excasso, da mesma forma que a sociedade em geral não valoriza os preceitos artísticos.

Sendo necessário, então, entender a concepção de arte que esses professores apresentam no que diz respeito a questão “o que é arte? ”, constatamos que eles apresentam uma visão coesa em torno do que acreditam e vivenciam. Obtivemos as seguintes colocações em relação ás palavras-chaves e termos que surgiram nas respostas dos acadêmicos e também dos professores:

**Quadro 2: Termos descritos na concepção de arte dos docentes**

Termos	Quantidade
Expressão	3
Vida	2
Humaniza	1

Fonte: 2 CASTRO, 2019

Observamos com isso, que os termos apresentam quase a mesma ordem de presença nas respostas tanto dos discentes, quanto dos docentes. Mesmo com poucas respostas dos professores, podemos perceber que o discurso é muito próximo em sentido de entendimento, porém, cada docente discorre em torno da sua formulação de pensamento, pautada no conhecimento que adquiriu no decorrer de sua formação. A seguir apresenta-se as quatro respostas para essa questão da arte e sua importância para a formação acadêmica:

P1: “Arte é a expressão, é o comportamento, é a criatividade e ser culturalmente ativo no meio em que esta inserido. ”

P2: “Arte são manifestações, expressões que ocorrem a partir de diferentes grupos e diferentes linguagens artísticas. Acredito que devem ser abordadas e praticadas no Ensino Superior sim, por entender que não há uma arte superior a outra, mas diferentes propostas e pontos de vista, tão importante hoje em dia em tempos de intolerância. Expor os acadêmicos a diversas linguagens artísticas amplia as aprendizagens não só no sentido formal como também no sentido de formação enquanto pessoa.”



P 3: “Arte, no meu entendimento, é toda expressão subjetiva, que da vazão a sentimentos que na vida cotidiana não podem ser mensurados, ou mesmo externados. É o que dá sentido, muitas vezes, à própria vida. A arte deve ser estimulada, primeiro, para que as pessoas, os jovens, estudantes, possam romper com estereótipos, desenvolver suas sensibilidades e potencialidades, que são muitas vezes inibidos devido à busca desenfreada pelo sucesso profissional, pelo dinheiro, etc. A arte humaniza e, muitas vezes, a escola coisifica as pessoas. Transforma tudo em números. A arte resgata o ser humano que está atrás dos números que o sistema nos impõe. No ensino superior é arte em suas várias manifestações que resgata o senso crítico sem perder a objetividade da academia.

P 4: inspiração intuitiva, sim deve ser abordada. ( CASTRO, 2019, s/p)

Em suma, analisando os dados coletados com os questionários dos docentes notou-se que eles têm formação artística e cultural, com um vasto repertório musical, por exemplo, assim como experiências com cinema e teatro. Em contrapartida a isso, os seus alunos têm um mínimo de experiência artística, sendo assim, questionamos sobre o que falta para que haja essa conexão para que se tenha um professor “humanizador” em sala de aula? Sabe-se que o sistema educacional coloca várias barreiras em relação a isso, e por vezes o professor não tem controle sobre elas e como consequência evita ou não apresenta a arte a seus alunos com tanta frequência.

Nessa perspectiva, destaca-se tais fatores no impedimento no desenvolvimento de atividades artísticas, como: o tempo, recursos financeiros, o currículo específico da disciplina, a aprovação da instituição em desenvolver certos projetos e atividades, além do interesse dos próprios acadêmicos.

Além disso, percebemos por meio das respostas dos questionários, que também temos o fator de recepção do aluno, portanto, não adianta o professor trabalhar e trazer e o aluno não se relacionar com o conteúdo. Aliás, a própria organização do ensino superior não propicia um contato mais direto com a arte, da mesma forma que, a sociedade de maneira geral, não compreende, conhece ou não valoriza as manifestações artísticas.

Portanto, sabemos que a ausência artística no ambiente de formação inicial de professores não é toda do docente, ou seja, o problema da falta de contato artístico cultural não está na ponta – na sala de aula dos cursos de Pedagogia – mas sim no final ou no meio desse processo de formação. Considerando aqui que há muito por trás do trabalho do professor universitário: Estado, sistema, instituição e paradigmas construídos socialmente.

Conhecendo o contexto estudo, salientamos que o professor é um formador de opinião, atitudes tomadas por ele em caráter de formação docente universitária repercutem na construção dos acadêmicos como futuros docentes, na medida em que até mesmo um olhar e poucas palavras ditas detêm uma grande importância nesse processo de formação. Nesse sentido, como construir uma formação mais humana? De acordo com Amorim e Castanho (2007), não há um manual de instruções nem tão pouco uma receita a ser seguida, pois, cada um é um acadêmico/docente que precisa ser sensibilizado através da arte, alguns podem ser pelo teatro, outros pela dança e já outros pelas artes visuais.

Entretanto, nessa perspectiva a arte-educação precisa ser levada de fato até o ambiente universitário de formação de professores e não apenas como atividades esporádicas e extracurriculares, ela precisa fazer parte da vida dos docentes e discentes, pois, conforme salientam Neitzel e Carvalho (2011, p. 110) “não basta uma formação para mudar os conceitos já formados há tanto tempo, precisamos “respirar” a arte e dela sentir falta como o ar que respiramos. ”, ou seja, as experiências artísticas devem ser nossas experiências de vida e quando há a ausência dela, precisamos sentir falta. Pois, é só através do conhecimento em arte-educação que a escola pode vir a romper com paradigmas artísticos enraizados a tanto tempo.

Assim sendo, friso mais uma vez que é preciso “saber arte e saber ser professor de arte”, (FERRAZ; FUSARI, p. 60), considerando sua formação estética e humana, na medida em que o professor precisa conhecer todas as linguagens e formas artísticas para que assim não fique preso àquela que mais domina, por exemplo, o desenho; além de não apenas seguir currículos engessados e propostas de ensino tradicionais; almejando, portanto, uma educação “humanizadora” que transforme o indivíduo através da arte.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme nos diz Duarte Jr. “A arte é uma chave com a qual abrimos a porta de nossos sentimentos [...].” (1991, p. 62) nesse trabalho a arte nos abriu diversas portas para pensarmos e indagarmos a relação dos futuros pedagogos do curso de Licenciatura de Pedagogia da UCP com a arte. Além de sentimentos, despertou diversas reflexões em torno da atual conjuntura da formação de professores em relação a educação estética, arte-educação, cultura e humanização.

Em linhas gerais, a estética e manifestações culturais estão sendo introduzidas na formação de professores a passos lentos, na medida em que todo o processo histórico trouxe avanços na forma de pensar a arte em contexto escolar, porém, ainda há caminhos para serem percorridos, estudados e escritos.

Nesse sentido, a arte surge, por vezes, no currículo escolar, tanto da educação básica quanto universitária, como um conteúdo sem devido valor; onde muitas vezes o enfoque é dado a outras disciplinas mais “importantes”. Essa visão se solidifica no ensino superior, na medida em que a valorização da arte não cresce em contexto universitário, pelo contrário, ela diminuiu, pois, conforme os dados obtidos na pesquisa o acadêmico não tem o contato com manifestações artísticas no cotidiano educacional da sua formação inicial.

Partindo desse pressuposto, Rubem Alves (2000, p. 51) aponta que há um “controle de qualidade de pensamento”, podendo a criatividade, a interação com o outro, com a arte e a imaginação, logo, muitos que entram em um curso de graduação passam a ver a arte apenas como lazer e/ou diversão, sem considerar a relevância dela para sua formação. Em nenhuma das respostas foi mencionado uma viagem, excursão ou atividade fora do ambiente universitário que se contempla manifestações artísticas, como a visita a um museu ou outros espaços culturais. Tendo em vista que o intuito maior do ensino superior nesse caso, é de formar profissionais.

Dessa forma reitero Alves (2000, p. 51): “o pensamento se tornará excelente ao preço de perder a sua liberdade”, diante disso é preciso refletir qual é o enfoque dado a formação de educadores, qual excelência se pretende alcançar: uma dimensão técnica? Ou humana? Evidenciamos a necessidade de abrir espaço para que a dimensão estética aconteça no ambiente de formação de professores, pois, o contato com a arte requer tempo, dedicação e a disponibilidade de recursos para tal.

Através desse estudo constata-se que conhecer as diversas linguagens artísticas, o contexto histórico, social e cultural da arte leva o acadêmico/futuro pedagogo a estabelecer ligação com realidades diferentes da sua, envolvendo também a criatividade, sensibilidade, tolerância e pensamento crítico; pois ensinar vai além de somente apresentar conceitos sistematizados, ser professor é trabalhar com o ser humano, o aluno enquanto pessoa, ou seja, é também humanizar-se.

Nessa perspectiva, agregar a arte na formação dos futuros pedagogos é de fato relevante, pois, estes irão lidar diretamente com as questões educacionais, psicológicas e sociais de seus alunos. Sendo que, a arte surge como um óculos que faz enxergar o mundo com outros filtros, outra visão, mais de perto e em detalhes; na medida em que, se eu sei o que acontece com o meu próximo, por meio do que as manifestações artísticas me apresentam, passo a olhar ele com mais sensibilidade.

Com isso considerando, o papel da arte frente as problemáticas sociais, é de sensibilidade, de indivíduos atuantes e de agentes criativos transformadores que a nossa sociedade atual está precisando, frente a insensibilização contemporânea, marcada pela violência, egoísmo, consumismo e preconceito. Porém, antes de tudo o professor precisa desenvolver em si esse senso estético e artístico, através de formação e vivências, para só então conseguir levar a arte em essência para a sala de aula.

Portanto, o professor universitário que leciona ao curso de Pedagogia, apresenta um papel determinante na formação dos futuros educadores, compreendemos que o professor “humanizador” necessita cada vez mais levar a arte para dentro do curso de Pedagogia, tarefa essa que não será por vezes fácil, mas que precisa ser refeita.

Devemos ponderar também o papel do próprio acadêmico nesse caminho de formação pedagógica, artística, social e crítica: aonde está o interesse? O fomentar da arte no curso de Pedagogia não parte dos alunos e estes demonstram não a conhecer. Tal fato se dá também, por vivermos em uma região que não apresenta meios artísticos e essa ausência repercute na falta de conhecimento e valorização por parte dos discentes.

Nesse pressuposto, precisamos pensar a universidade em sua totalidade, através de projetos de extensão, momentos de criação, atividades e encontros culturais, que aproximem cada vez mais os acadêmicos da música, das artes visuais, do teatro, da dança, da fotografia, entre outras. Com isso, ela surge no contexto de

formação inicial como um meio para encontrar seus pares, promover a interação entre colegas e professores, relacionar-se com obras e ter contato com diversas culturas. Com isso, humanizando-se em um ambiente que por vezes não exige mais nada além de técnica.

Por fim, afirmamos que todas as experiências artísticas, culturais e também da vida, vão formando uma bagagem que permanece em todo o caminho do professor, pode ser que ele não se recorde da emoção que foi despertada ao ouvir tal música, ou, o sentimento de indignação a assistir um filme, ou, a insatisfação ao observar uma tela, mas essas reações permanecem lá e vão constituindo o professor/pedagogo enquanto pessoa: humanizando.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas, SP. Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. A caixa de brinquedos. **Folha Online**. São Paulo. 27 jul. s/p 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u877.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. A complicada arte de ver. Folha Online. São Paulo. s/p 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 31 out de 2019.

AMORIM, Verussi Melo de. CASTANHO, Maria Eugenia. Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação. **Reflexão e ação**. UNISC v. 15, n. 1, 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/229>. Acesso em 25 de ago de 2019.

\_\_\_\_\_. **Por uma educação estética na formação universitária de docentes**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1167-1184, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n105/v29n105a11.pdf>>. Acesso em: 31 de jul de 2019.

ANDRADE, Osvald de. Manifesto Pau Brasil. **Correio da Manhã**. São Paulo, p. 05-10. mar. 1924.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**. v. 3, n. 7, p. 170-182, 1 dez. 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8536>. Acesso em 09 de jul de 2019.

BODY Art. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3177/body-art>>. Acesso em: 30 de Abr. 2019. Verbetes da Enciclopédia.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BUENO, Luciana Estevam Barone. Paranismo - um resgate histórico das artes visuais no Paraná. **Cadernos PDE**. SEED-PR, 2009.

CARVALHO, Carla. Entrevista João Francisco Duarte Júnior. **Revista Contrapontos**, [s.l.], v. 12, n. 3, p.362-367, 6 nov. 2012. Editora UNIVALI. <<Http://dx.doi.org/10.14210/contrapontos.v12i3>>. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4039/2387>>. Acesso em: 15 maio 2019.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo, 1995.

COSTA, Cristina. **Questões da arte**: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético. São Paulo: Moderna, 1999.

DUARTE JUNIOR, Joao Francisco. **A dimensão estética da educação**. Campinas: [s.n.], 1980. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.

\_\_\_\_\_. **Por que arte-educação?** 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **Metodologia do Ensino da Arte**: fundamentos e proposições. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização**. Revista Paz e Terra, São Paulo, n. 9, p. 123-132, out. 1969. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1127>. Acesso em: 25 de ago de 2019.

FUKS, Rebeca. Música Que País É Este, de Legião Urbana. **Cultura Genial**. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/musica-que-pais-e-este-de-legiao-urbana/>>. Acesso em: 18 maio 2019.

GARCEZ, Lucília. OLIVEIRA, Jô. **Explicando a arte**: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais. Rio de Janeiro. Ediouro, 2006.

GATTI, Bernadete A. **Formação inicial de professores para a educação básica**: pesquisas e políticas educacionais. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 25, n. 57, p. 24-54, 2014. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1899/1899.pdf>>. Acesso em: 30 de mar de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PROENÇA, Maria das Graças Vieira. A arte no Brasil. In: **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2005. p. 187-250.

IABELBERG, Rosa. **Para Gostar de Aprender Arte**: Sala de Aula e Formação de Professores. Porto Alegre, Artemed, 2010. Disponível: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536321981/>> Acesso em: 31 de mar de 2019.

ILKIU, Giovana Simas de Mello. SOUZA, Adilson Veiga e. **Manual de normas técnicas para trabalhos acadêmicos**. Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu. União da Vitória, PR. Kaygangue, 2017.

KLEE, Paul. **Teoría del arte moderno**. Buenos Aires: Cactus, 2007, p. 35.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Aisthesis: estética, educação e comunidades**. Chapecó, Argos, 2005.

PAGLIA, Camile. O impacto do ensino da arte (ou da falta dele) na percepção do mundo. **Fronteiras do Pensamento**, S/l, 01 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/artigos/o-impacto-do-ensino-da-arte-ou-da-falta-dele-na-percepcao-do-mundo>>. Acesso em: 18 maio 2019

PARANÁ. **Arte**. Curitiba: SEED-PR, 2006.

RANGEL, Andrea. 'A educação não pode ignorar a curiosidade das crianças', diz Edgar Morin. **O Globo**. Rio de Janeiro. 17 ago. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/educacao-360/a-educacao-nao-pode-ignorar-curiosidade-das-criancas-diz-edgar-morin-13631748>>. Acesso em: 15 maio 2019.

SANTO, Ruy Cezar do Espírito. **Desafios na formação do educar**: Retomando o ato de educar. Campinas, SP. Papyrus, 2002.

SANTOS, Lulu. **Apenas Mais Uma de Amor**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/lulu-santos/35064/>>. Acesso em: 18 maio 2019.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 4ª ed. – Campinas, SP: AUTORES ASSOCIADOS, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Escritas.org**. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/27167/a-arte-e-uma-flor>>. Acesso em: 15 maio 2019.

UOL. Mural de Kobra na av. 23 de maio é completamente apagado pela prefeitura. **Uol Notícias**. São Paulo. 28 jan. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/28/mural-de-kobra-na-23-de-maio-e-completamente-apagado-pela-prefeitura-de-sp.htm>>. Acesso em: 18 maio 2019.



## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ACADÊMICOS PEDAGOGIA

24/11/2019

Experiências artísticas, estéticas e culturais dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade UCP

### Experiências artísticas, estéticas e culturais dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade UCP

Essa pesquisa tem como objetivo levantar dados e informações em torno das atividades artísticas vivenciadas dentro do ambiente universitário, mas especificamente no Curso de Pedagogia da Faculdade UCP. Portanto, busca-se conhecer através das respostas dos (as) acadêmicos (as) a concepção artística de cada um, evidenciando a importância da arte para a formação discente e docente. Desde agradeço a participação!

\*Obrigatório

#### 1. Período do curso de Pedagogia \*

Marcar apenas uma oval.

- 2º
- 3º
- 6º

#### 2. Município que reside

---

#### 3. Idade

---

#### 4. 1. Você já participou de alguma formação em Arte ( curso, mini curso, palestra, mesa redonda)? Considera que a formação estética, artística e cultural devem ser estimuladas no ambiente universitário? \*

---

#### 5. 2. Você já vivenciou alguma atividade artística (música, artes visuais, teatro, dança, cinema) dentro do ambiente universitário da UCP? Se sim, descreva quais e em que momento elas foram realizadas. \*

---



---



---



---

#### 6. Durante seu tempo de graduação algum professor o incentivou ao contato artístico?

Marcar apenas uma oval.

- Sim, várias vezes.
- Sim, raramente.
- Não, mas gostaria.
- Não, acredito não ter necessidade.

24/11/2019

Experiências artísticas, estéticas e culturais dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade UCP

**7. Você já assistiu a alguma peça teatral?***Marcar apenas uma oval.*

- Nenhuma vez.  
 Uma vez.  
 Duas a cinco vezes.  
 Cinco a dez vezes.  
 Mais de dez vezes.

**8. Você já foi ao cinema?***Marcar apenas uma oval.*

- Nenhuma vez.  
 Uma vez.  
 Duas a cinco vezes.  
 Cinco a dez vezes.  
 Mais de dez vezes.

**9. Qual o estilo musical você tem preferência?***Marque todas que se aplicam.*

- Rock.  
 Sertanejo.  
 MPB.  
 Música Clássica.  
 POP internacional.  
 Pop Nacional.  
 Funk.  
 Pagode.  
 Outro: \_\_\_\_\_

**10. Quais livros você lê com mais frequência?***Marque todas que se aplicam.*

- Romance.  
 Conto.  
 Poemas.  
 Ficção.  
 Literatura Infantil.  
 Apostilas.  
 Autoajuda.  
 Filosofia.  
 Religioso.  
 Outro: \_\_\_\_\_

24/11/2019

Experiências artísticas, estéticas e culturais dos acadêmicos de Pedagogia da Faculdade UCP

11. Qual (is) é (são) a (as) manifestação (manifestações) artística (artísticas) citadas abaixo que você tem preferência?

Marque todas que se aplicam.

- Artes visuais ( fotografia, desenho, pintura, escultura).
- Som ( música).
- Literatura.
- Arte corporal ( teatro, dança, performance).

12. Na sua opinião, a Arte é valorizada na região onde você vive?

Marcar apenas uma oval.

- Sim, há muita valorização.
- Sim, mas ainda é pouco.
- Não.

13. Dentro da realidade de sua cidade, faltam meios artísticos e culturais? Se sim, quais?

Marque todas que se aplicam.

- Não falta.
- Museu.
- Cinema.
- Centro Cultural.
- Teatro.
- Estúdio de Dança.
- Música.

14. Você conhece alguma manifestação artística paranaense. Se sim, quais?

\_\_\_\_\_

15. Descreva abaixo a sua concepção de Arte e o porquê acredita/não acredita que ela seja importante para sua formação. \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOCENTES PEDAGOGIA

24/11/2019

Questionário docentes do curso de Pedagogia UCP

### Questionário docentes do curso de Pedagogia UCP

Esta pesquisa tem como objetivo coletar informações a respeito das experiências artísticas e estéticas dos docentes que lecionam no curso de Pedagogia da Faculdade UCP. As respostas aqui coletadas auxiliarão no processo de elaboração das discussões entre teoria/prática do meu trabalho de conclusão de curso intitulado "Experiências da arte, experiências da vida: um estudo sobre a formação dos docentes/disciplinantes do curso de Pedagogia da UCP". Desde já agradeço a sua participação! Érica Castro

\*Obrigatório

#### 1. Cursos em que leciona na Faculdade do Centro do Paraná ( UCP ) \*

Marque todas que se aplicam.

- Administração.
- Direito.
- Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura).
- Engenharia Agrônômica.
- Medicina Veterinária.
- Pedagogia.

#### 2. Tempo de trabalho na Faculdade UCP \*

Marcar apenas uma oval.

- 1 mês a 6 meses.
- 1 ano a 3 anos.
- 3 anos a 6 anos.
- 6 anos a 10 anos.
- Mais de 10 anos.

#### 3. Qual é a sua Formação Acadêmica?

---

#### 4. 1. Você já participou de alguma formação em arte ( curso, minicurso, palestra, mesa redonda)? Considera que a formação estética, artística e cultural devem ser estimuladas no ambiente universitário? Por quê? \*

---



---



---



---



---

24/11/2019

Questionário docentes do curso de Pedagogia UCP

5. **Você considera a Arte importante no processo de formação dos acadêmicos do curso de Pedagogia? Justifique sua resposta. \***

---



---



---



---



---

6. **A faculdade, enquanto gestão, incentiva - lhe a procurar formações artísticas e culturais? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, várias vezes.
- Sim, raramente.
- Não, mas gostaria.
- Não, acredito não ter necessidade.

7. **Você já proporcionou em suas aulas, na UCP, alguma atividade artística (música, artes visuais, teatro, dança, cinema) ? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Sim

8. **Você já assistiu a alguma peça teatral? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Nenhuma vez.
- Uma vez.
- Duas a cinco vezes.
- Cinco a dez vezes.
- Mais de dez vezes.

9. **Você já foi ao cinema? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Nenhuma vez.
- Uma vez.
- Duas a cinco vezes.
- Cinco a dez vezes.
- Mais de dez vezes.

24/11/2019

Questionário docentes do curso de Pedagogia UCP

**10. Qual (is) é (são) o (s) estilo (s) musical (is) de sua preferência? \****Marque todas que se aplicam.*

- Rock.
- Sertanejo.
- MPB.
- Música Clássica.
- POP internacional.
- Funk.
- Pop Nacional.
- Não gosto de ouvir música.
- Outro: \_\_\_\_\_

**11. Qual das opções de leitura abaixo você lê com mais frequência? \****Marque todas que se aplicam.*

- Romance.
- Conto.
- Poemas.
- Literatura Infantil.
- Apostila.
- Livros especializados em educação.
- Autoajuda.
- Filosofia.
- Religioso.
- Outro: \_\_\_\_\_

**12. Na sua opinião, a Arte é valorizada dentro do ambiente universitário em que atua? \****Marcar apenas uma oval.*

- sim, há muita valorização.
- sim, mas ainda é pouco.
- Não.

**13. Descreva abaixo: O que seria Arte para você? E por qual motivo/ou não ela deve/não deve ser abordada e praticada no Ensino Superior? \***

---

---

---

---

---

## ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, \_\_\_\_\_, por intermédio do presente termo de consentimento livre e esclarecido, concordo plenamente em participar do Projeto de pesquisa intitulado: “ **Experiências da arte, experiências da vida**: um estudo sobre a formação dos docentes/discentes do curso de Pedagogia da UCP”.

Tenho conhecimento que o estudo, projeto, procedimento não provoca nenhum dano físico ou emocional, que não há risco em participar da pesquisa.

Concordo também que minha participação no projeto se dê a título gratuito, não recebendo, portanto nenhum honorário ou gratificação referente ao projeto de pesquisa e não estou sujeito a custear despesas para a execução do projeto.

Tenho conhecimento que tenho o direito de me retirar do projeto a qualquer momento desde que faça comunicação ao coordenador da pesquisa, por escrito, previamente.

Concordo com a possibilidade de as informações relacionadas ao estudo serem inspecionadas pelo orientador da pesquisa e, que qualquer informação a ser divulgada em relatório ou publicação, deverá sê-lo de forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida.

Assim sendo, acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas e explicadas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo em participar, voluntariamente, deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

Pitanga, 26 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Nome Completo:

CPF/RG:

Endereço:

Cidade:

Contato: